

ULISBOA

Revista da Universidade de Lisboa | 28 | Outubro 2023



SATÉLITE
ESTUDOS CLÁSSICOS
DESIGN DE MODA



ULISBOA
10 ANOS
10 VISITAS

No âmbito das Comemorações do seu 10.º Aniversário em 2023, alguns espaços emblemáticos da Universidade de Lisboa vão abrir-se à comunidade académica, ao público e à cidade. O programa inclui um conjunto de Visitas (90 min) e de Passeios (3 h) com convidados que guiarão os participantes.

Inscrição prévia.
Máximo de 20 participantes por visita.



[ULISBOA.PT/INFO/10-ANOS-ULISBOA](https://ulisboa.pt/info/10-anos-ulisboa)

Próximas visitas

23 março 2024 > 15h00-16h30
Faculdade de Motricidade Humana

20 abril 2024 > 15h00-18h00
Tapada da Ajuda/ISA: Pavilhão de Exposições,
Parque Botânico, Observatório Astronómico de
Lisboa, Edifício Principal do ISA

18 maio 2024 > 15h00-18h00
Museu Nacional de História Natural e da Ciência,
Jardim Botânico de Lisboa

15 junho 2024 > 15h00-18h00
Jardim Botânico da Ajuda e Jardim Botânico Tropical

20 julho 2024 > 15h00-18h00
Faculdade de Belas-Artes, Instituto Superior de
Economia e Gestão

ESTUDOS CLÁSSICOS
E REDES SOCIAIS
PODE PARECER
UMA COMBINAÇÃO
ESTRANHA, MAS NÃO
PARA ANDRÉ SIMÕES,
PROFESSOR, E
LIA ALVES, ALUNA,
AMBOS DA FACULDADE
DE LETRAS, QUE TÊM
USADO COM GRANDE
ÊXITO AS REDES
SOCIAIS PARA ENSINAR
E DIVULGAR A SUA
PAIXÃO PELAS LÍNGUAS
E LITERATURAS
CLÁSSICAS.

Neste número falamos também do ISTSat-1, o satélite integralmente construído por estudantes e professores do Instituto Superior Técnico, certamente «o projeto espacial mais avançado integralmente desenvolvido em Portugal». Mas porque nem tudo o que se passa na ULisboa tem que ver com novas tecnologias, damos notícia de dois outros aspetos da vida cultural da nossa universidade: o TUT – Teatro Académico da ULisboa, fundado em 1981, e que desde então mobilizou o talento e o entusiasmo de muitos alunos e docentes das nossas Escolas, e o DEMO – Desfile de Moda Anual da Faculdade de Arquitetura, que há mais de vinte anos serve como uma verdadeira montra do curso de design de moda na ULisboa. E, como sempre, dedicamos espaço a conhecer melhor as pessoas que constituem a nossa comunidade académica, passada e atual. Ficamos a conhecer José Manuel Simões, docente no Instituto de Geografia e Ordenamento do Território, e que é agora o Comissário para as Comemorações dos (723+) 10 Anos da ULisboa, e Leonor Amaral, *alumna*, que se iniciou no Clube de Rugby do Técnico, e que hoje joga rãguebi com as camisolas do Sporting Clube de Portugal e da Seleção Nacional. ♦

ÍNDICE

1 - 2

Editorial
Índice

3

Notícias

6 - 7

Sobre
O TUT
JÚLIO MARTÍN DA FONSECA

4 Coisas

Hélder de Sousa Semedo

8

José Manuel Simões

Comissário para as
Comemorações dos
(723+) 10 Anos
da ULisboa

12

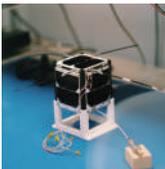
Do outro lado
do espelho

DEMO – Desfile de Moda
Anual da Faculdade
de Arquitetura



18

Em órbita
ISTSat-1



22

A vida social
das línguas mortas
André Simões e Lia Alves



28

E assim sucessivamente
Leonor Amaral



32

Quem lê por último
José Lima Santos lê
Primavera Silenciosa



Edição e propriedade | Universidade
de Lisboa · Departamento de Arquivo,
Documentação e Publicações

Diretor | Henrique Leitão

Direção executiva e produção | Ana Silva Rigueiro

Redação e comunicação | Ana Cláudia Santos
Ana Luísa Valdeira · Helena Carneiro

Fotografias | Ana Luísa Valdeira

Capa e contracapa |
Imagens produzidas por IA pela rawpixel

Design gráfico | Susana Villar

Impressão | Lidergraf – Sustainable Printing

Tiragem | 10 000 exemplares

Periodicidade | março, maio, outubro e dezembro

Assinaturas e distribuição
imprensa@reitoria.ulisboa.pt

Depósito legal | 418564/16

ISSN | 2183-8844

Contactos gerais
Imprensa da Universidade de Lisboa
Alameda da Universidade - Cidade Universitária
1649-004 Lisboa · Portugal
Tel.: +351 217 904 750 - Ext. 19 750
E-mail: imprensa@reitoria.ulisboa.pt

Distribuição Gratuita



**IMPRESA
DA UNIVERSIDADE
DE LISBOA**



Bem-vindos à ULisboa «Orgulho, preocupação, esperança»

A Abertura do Ano Académico 2023/24, a 12 de setembro, teve como mote a celebração dos (723+) 10 anos da Universidade de Lisboa. O espaço relvado da Alameda Universitária acolheu, num recinto preparado com equipamentos para várias atividades desportivas, os estudantes deste novo ano académico. Durante o dia, foram distribuídos *kits* de boas-vindas.

O ecrã no palco montado em frente da Reitoria transmitiu aos que não couberam numa Aula Magna repleta a Sessão Solene. A cerimónia teve início às 16h, com o cortejo académico. A primeira intervenção coube a Patrícia Almeida, da Faculdade de Direito, em representação dos estudantes. Ela própria estudante internacional, sublinhou a importância de rever situações como as taxas que aumentam 5 a 20 % as propinas dos estudantes internacionais, a impossibilidade de acesso destes às residências universitárias, e a falta de mais cursos de língua portuguesa e de aulas lecionadas noutras línguas. Destacou ainda cinco preocupações para o ano académico: o apoio à saúde mental dos estudantes; o combate ao assédio; o combate à xenofobia; a atualização dos currículos académicos; o desenvolvimento de saídas profissionais para estudantes nacionais e internacionais.

Seguiu-se Margarida Santana Alho, funcionária do Instituto Superior de Agronomia. Relatou que, atualmente, 50 % da população portuguesa com mais de 18 anos está no ensino superior; o compromisso é aumentar esse valor para os 60 % até 2030, alinhando-se com a média europeia. Reforçou também a importância da formação ao longo da vida, descrevendo estratégias de desenvolvimento de competências com vista a progredir ou mudar de carreira ou área profissional, interpelando a audiência: «Quantos de nós não mudaram de vida, e ainda vão mudar?»

Clara Raposo, atual vice-governadora do Banco de Portugal, foi convidada a falar enquanto docente do ISEG, de que foi também presidente. Anunciou vir «falar de boa educação», e partilhou

razões pelas quais vale a pena estudar e ter um grau académico, entre as quais «o ganho de perspetiva e elasticidade mental para continuar a aprender ao longo da vida». «Apesar de estudar ser por vezes muito difícil», disse, «a universidade é um lugar com tempo, e tempo é capaz de ser mais do que dinheiro». Enquanto gestora académica, aprendeu lições como «abrimo-nos ao mundo, mas deixar que o mundo encontre em nós algo que também seja único e genuíno», ou seja, aprender com os outros, mas inovar; em suma, «não descansar». Apelou à importância do espírito de colaboração, de um estudo organizado, «de pedir ajuda quando se sentirem perdidos. Não deixem que o futuro vos passe ao lado».

O discurso de Luís Ferreira, Reitor da ULisboa, assinalou a criação formal, no mesmo dia, do Instituto Gulbenkian de Medicina Molecular – fruto da fusão do Instituto Gulbenkian de Ciência com o Instituto de Medicina Molecular –, salientando a importância de tais sinergias para garantir a dimensão e massa crítica necessárias na área das ciências da vida e da saúde. Reiterou a importância da Escola da ULisboa em Xangai e da colaboração na Universidade Europeia UNITE!, afirmando: «As universidades do futuro serão internacionais. Recrutarão os melhores estudantes e professores a nível global e colaborarão e concorrerão com as suas congéneres no mundo.» No cerne da sua intervenção esteve a dotação orçamental atribuída pelo Governo às instituições de ensino superior, nomeadamente o adiamento da presença do fator de desempenho das instituições na fórmula usada para calcular o seu financiamento. Reforçou o seu apoio à autonomização já anunciada do financiamento dos Serviços de Ação Social, dado que os custos médios totais com a produção de refeições sociais em exploração própria tiveram um incremento de 35 %, em exploração concessionada, de 250 %, e, no alojamento, o custo médio mensal por cama nas residências de estudantes aumentou 90 % em relação a 2020. Chamou à universidade o papel de formadora de bons cientistas, bons

técnicos, bons cidadãos, mas sobretudo o de uma instituição que «nos faz aceitar o que não sabemos como um desafio e não como uma humilhação». A Sessão Solene foi ainda honrada com a presença de Marcelo Rebelo de Sousa, Presidente da República Portuguesa e antigo aluno e professor catedrático da Faculdade de Direito da ULisboa. «Orgulho, preocupação e esperança» foram os sentimentos que guiaram o seu discurso: orgulho pela permanência e reinvenção da Universidade de Lisboa ao longo de séculos, pela posição atingida nos *rankings* mundiais, pelos contributos para o avanço de todas as áreas do conhecimento; preocupação pelas exigências e mudanças ditadas pela pandemia, pela escassez de meios humanos, financeiros e logísticos; e esperança na «vontade de mudança, de não resignação, de insatisfação, no desejo de servir a comunidade». Por último, assumiu a voz do antigo aluno para partilhar a sua experiência com os novos: «Foi aqui, há 57 anos, que aprendi a pensar, a amar, a escolher os valores da minha vida, a lutar por causas, foi aqui que aprendi que se deve viver cada dia como se fosse o último, mas sonhar longe e fundo.»

A celebração dentro de portas completou-se com a atuação do coro infante-juvenil da ULisboa, dirigido pela maestra Erica Mandillo e com acompanhamento ao piano de João Lucena e Vale. O final de tarde foi propício à continuação da festa, com uma Sunset Party que se alongou pela madrugada ao som de Falso Nove, Mundo Segundo & Sam the Kid, e DeeJay Kamala.



Maria do Carmo Fonseca Prémio Universidade de Lisboa / CGD 2021

O Dia da Universidade de Lisboa, comemorado este ano a 18 de julho, foi a data escolhida para a atribuição oficial do Prémio Universidade de Lisboa / CGD 2021 a Maria do Carmo Fonseca. Na deliberação do júri, pode ler-se: «A atribuição do Prémio Universidade de Lisboa à Professora Maria do Carmo Fonseca reconhece o seu percurso excecional de cientista, com contribuições relevantes no domínio da medicina molecular e participação pública na promoção da ciência e da literacia científica.»

Maria do Carmo Fonseca é professora catedrática na Faculdade de Medicina da ULisboa e desempenha as funções de presidente do Instituto de Medicina Molecular João Lobo Antunes. Foi cofundadora do Instituto de Medicina Molecular e da GenoMed, diagnósticos de medicina molecular SA. É membro eleito da European Molecular Biology Organization (EMBO), e da Academia Europaea, e membro do conselho editorial das revistas *Journal of Cell Science* e *RNA*. Entre 2011 e 2013, foi professora convidada na Harvard Medical School. Recebeu, entre outros, o Prémio Gulbenkian de Ciência (2007), o Prémio Pessoa (2010), e o Prémio D. Antónia Ferreira para mulheres empreendedoras (2013). Foi também agraciada com a Medalha de Ouro do Ministério da Saúde (2012) e com o Prémio Centenário atribuído pelos estudantes da Faculdade de Medicina da ULisboa (2013). Em 2020 foi eleita Presidente da RNA Society. A sua investigação foca-se nas moléculas de RNA e pretende contribuir para o desenvolvimento de novas estratégias de diagnóstico e tratamento de doenças genéticas, incluindo o cancro.



ULisboa no ranking NTU

A ULisboa continua a estar entre as 200 melhores universidades do mundo, de acordo com o *ranking* NTU, que em 2023 a coloca na posição 200.

Nas áreas científicas, a ULisboa encontra-se no *top* 100 em Engenharia Civil (37.º lugar), Ciência Animal e Vegetal (68.º lugar), Ciências Agrárias (80.º lugar), Ambiente e Ecologia (86.º lugar), Engenharia Mecânica (98.º lugar), e Geociências (98.º lugar).

Entre as 25 disciplinas em que foi classificada, a ULisboa lidera 14 a nível nacional: Ambiente e Ecologia, Ciência Animal e Vegetal, Engenharia Civil, Engenharia Computacional, Engenharia Eletrotécnica, Engenharia Mecânica, Engenharia da Energia, Neurociências e Comportamento, Química, Geociências, Matemática, Física, Economia e Gestão e Ciências Sociais. Também a nível nacional, a ULisboa está em 1.º lugar em três das seis grandes áreas do conhecimento: Engenharia, Ciências Naturais e Ciências Sociais.

Conhecido por *ranking* NTU, o *Performance Ranking of Scientific Papers for World Universities* é publicado desde 2007 pela National Taiwan University. Em 2023, avaliou 1510 instituições e publicou o posicionamento das primeiras mil, baseando-se em três critérios para a classificação da produção científica nos últimos 11 anos (2012-2022): produtividade (25 %), impacto (35 %) e excelência (40 %).



Filipa Soares

Cátia Figueiredo

Prémio de Doutoramento em Ecologia Fundação Amadeu Dias

A edição de 2023 desta iniciativa, promovida pela SPECO – Sociedade Portuguesa de Ecologia com o apoio da Fundação Amadeu Dias, premiou com o 1.º e 3.º lugares duas *alumnae* da Faculdade de Ciências da ULisboa.

Filipa Soares foi a 1.ª classificada, com um prémio no valor de 3000 euros. A atual investigadora do Centre d'Écologie et des Sciences de la Conservation, Museu Nacional de História Natural de Paris, realizou o mestrado e o doutoramento no Centro de Ecologia, Evolução e Alterações Ambientais (CE3c). Na tese, estudou os efeitos das extinções e introduções de aves na diversidade funcional e taxonómica de 74 ilhas oceânicas, distribuídas pelos oceanos Atlântico, Pacífico e Índico. O seu trabalho permite prever as tendências futuras de evolução ecológica e propor ferramentas globais para a conservação eficaz de ecossistemas resilientes e funcionais.

Cátia Figueiredo, atual investigadora no Centro Interdisciplinar de Investigação Marinha e Ambiental (CIIMAR) da Universidade do Porto, foi aluna de doutoramento no Centro de Ciências do Mar e do Ambiente (MARE). A 3.ª classificada, com um prémio no valor de 1000 euros, investigou na tese a bioacumulação, eliminação e interação de elementos de terras raras em diversos grupos taxonómicos marinhos (esponjas, peixes, bivalves e algas). A acumulação de terras raras e os efeitos tóxicos podem ser exacerbados pelas mudanças climáticas, impondo consequências nocivas às espécies. Os dados desta tese tornam-se, assim, basilares para o processo de tomada de decisões políticas acerca destas problemáticas emergentes.

O Prémio de Doutoramento em Ecologia distingue as melhores teses de doutoramento em qualquer área da ecologia defendidas em universidades portuguesas, independentemente da nacionalidade dos candidatos.



Instituto Confúcio é Modelo Global

Pela primeira vez, um Instituto Confúcio dos países de língua portuguesa é reconhecido com esta distinção, detida por apenas 10 % dos Institutos a nível mundial. A atribuição decorreu em junho, no Município de Tianjin, na China, e reconhece o trabalho em prol do ensino da língua chinesa e da divulgação da cultura da China em Portugal.

Criado em 2008, em cooperação com o Hanban – Gabinete do Conselho Internacional do Ensino de Chinês e com a Universidade de Estudos Estrangeiros de Tianjin, o Instituto Confúcio da ULisboa já formou cerca de 20 000 estudantes da língua chinesa, registou uma participação de mais de 90 mil pessoas nas atividades culturais que promove, e apoiou mais de 100 estudantes com bolsas internacionais de educação para estudarem na China.



Anália Torres Conselho Nacional de Ética

Em agosto, a professora catedrática do ISCSP – Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas viu o seu mérito científico na área da sociologia ser reconhecido com a nomeação para membro do Conselho Nacional de Ética para as Ciências da Vida.

Anália Torres é diretora do Centro Interdisciplinar de Estudos de Género, o único no país exclusivamente dedicado a esta área, e foi corresponsável pela criação do primeiro doutoramento em Estudos de Género em Portugal, em 2018. Doutorada em sociologia, o seu trabalho debruça-se sobre os temas da família, casamento, divórcio, relação trabalho/família, proteção de crianças e jovens, e o assédio moral e sexual. A sua investigação já serviu de base a mudanças legislativas, como a alteração da lei do divórcio. Coordena ainda o projeto Ge-HEI – Igualdade de Género nas Instituições de Ensino Superior, financiado pelo EEA Grants.

Criado em 1990, o Conselho Nacional de Ética para as Ciências da Vida é um órgão consultivo independente que funciona junto da Assembleia da República desde 2009. Tem por missão analisar os problemas éticos suscitados pelos progressos científicos nos domínios da biologia, da medicina ou da saúde em geral, e das ciências da vida. É composto por cinco membros, com mandato válido por cinco anos, que elaboram pareceres, relatórios, tomadas de posição e estudos a apresentar publicamente.

O TUT

Júlio Martín da Fonseca *



O TUT – Teatro Académico da ULisboa foi fundado em outubro de 1981 por Jorge Listopad, tendo apresentado o seu primeiro espetáculo em 1982. Desde então tem proporcionado, através do teatro, um espaço de desenvolvimento pessoal, cultural e artístico, complementar ao ensino das ciências e das técnicas, tendo assumido, deste modo, uma importância particular na formação universitária. O grupo tem vindo a ser constituído por estudantes dos vários ciclos de estudo, investigadores e professores das várias Escolas, o que tem proporcionado um pulsar vivencial intergeracional e identitariamente universitário.

Desde 2008, o TUT tem a direção de Nuno Cortez (professor do Instituto Superior de Agronomia), Manuel Vieira (investigador do Laboratório Nacional de Engenharia Civil) e Júlio Martín da Fonseca (doutorado em Artes pela ULisboa). Nas suas mais de quatro décadas de existência, o TUT tem criado espetáculos originais a partir de textos poéticos, literários ou jornalísticos, ou de obras teatrais clássicas ou contemporâneas.

No TUT, a prática teatral constitui-se como um laboratório onde se realiza uma transversalidade de saberes, instaurando um espaço imprescindível de relação, de intimidade e de experimentação: de si próprio, com os outros e com o mundo em que vivemos. Uma liberdade que possibilita uma confluência de saberes e não saberes, uma afluência orto e heterodoxa de conhecimentos, e uma influência reflexiva e refletora no olhar e na atenção que focamos sobre o mundo e a sociedade mediante uma atitude dialogante e transdisciplinar com a realidade.

O TUT tem vindo a criar desta forma, ao longo de diversas gerações, uma narrativa coletiva, que advém de uma conversa que se tem prolongado ao longo do tempo e que se configura numa comunidade de pessoas diferentes, mas que se inter-relacionam e se reconhecem

numa vivência comum de pensamento e de ação. Na verdade, diante da multiplicidade das experiências temporais, há uma palavra e um sentimento que define o teatro universitário: liberdade.

A criação de um objeto artístico, e, de modo especial, uma peça de teatro, não se cinge apenas ao espetáculo, mas a toda uma manifestação vivencial, a uma relação de presença e de participação, que começa antes da sua concretização e se prolonga além dela, alargando a experiência teatral. Esta realidade enquadra-se numa visão global que valoriza a ideia de espectador enquanto participante ativo e definidor de sentidos. Tal pode estender-se desde o contacto inicial com o universo artístico e cultural – que poderá estimular e incentivar o interesse futuro em querer acompanhar e testemunhar o que se vai fazendo nestas áreas –, até às múltiplas ressonâncias que poderão permanecer após o contacto direto com a obra, e que refletem as particulares condições da sua realização ou receção. Se, além disso, forem devidamente valorizados e potenciados outros atributos, nomeadamente alguns inerentes ao teatro universitário, como o desenvolvimento de um sentido coletivo, a experiência teatral pode ser geradora de bens relacionais.

Uma das experiências que o teatro universitário também proporciona é a de aprender a estar atento às possíveis ambiguidades e múltiplos impulsos, significados e realidades que se podem apresentar em determinadas situações, o que poderá empoderar o futuro percurso pessoal e profissional de cada um dos seus participantes.

Sendo o teatro universitário um lugar privilegiado para o incremento de bens artísticos, culturais e relacionais, é de realçar a sua importância em prol da universidade e da sociedade como um espaço e tempo de liberdade, reflexão, fruição e celebração da fragilidade e força da condição humana.

O TUT – Teatro Académico da ULisboa é uma porta que se abre, um convite e um desafio para uma aventura pessoal e coletiva. ♦

* Diretor artístico e encenador

HÉLDER SEMEDO*



Loulé, a saudade, a infância e o meu oceano interior

Do litoral à serra, Loulé é um território único, onde é bom viver. Onde, ainda antes do liceu, aprendemos a compreender os textos de Cândido Guerreiro, António Aleixo ou mesmo Lídia Jorge, que através da sua escrita regeneradora consegue erguer os desvalidos do nosso tempo e do nosso imaginário. Algumas das minhas amizades mais antigas vêm desse tempo e são coisas que me marcaram e definiram: os princípios, os valores. Comecei a gostar das Letras e do Direito em Loulé. Foi neste território que desflorei de alguma forma uma parte de mim. Olho para muitas coisas que ainda não fiz, para tudo aquilo que gostaria de fazer, para o facto de ter sempre de me inquietar e desafiar a ir mais longe, sobretudo destabilizar-me a ponto de nunca me acomodar num qualquer número redondo, na perspetiva de ter alcançado alguma coisa importante.



A grandeza da Professora Magalhães Colaço

A Professora Magalhães Colaço foi a primeira mulher catedrática de Direito em Portugal. Numa conferência sobre um tema científico no campo jurídico, na parte das perguntas aos intervenientes, um determinado aluno começou a sua pergunta referindo-se ao facto de ser um «simples» aluno que, na ocasião, se dirigia a catedráticos, assim pretendendo frisar a sua pretensa subalternidade. A Professora Magalhães Colaço deu-lhe de imediato um raspante, afirmando que nunca mais devia referir-se a si como «simples aluno». Todos os catedráticos ali presentes tinham começado como alunos, pelo que ser aluno não significava nenhuma diminuição, tão-só um estágio na formação. Este episódio traduz a grandeza da primeira mulher doutora da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa.



Sinatra At The Sands Live At The Sands Hotel

Em 1966, Sinatra lança aquele que para mim é o seu melhor trabalho, *Sinatra At The Sands – Live At Sands Hotel*. É um disco que nos faz voar até à lua. Este disco permite perceber a profundidade do talento do Sinatra e o seu inestimável contributo para o jazz.



A multiplicidade do ser segundo a *Ode Marítima* de Álvaro de Campos

«Ir, ir, ir, ir de vez!
Todo o meu sangue raiva por asas!
Todo o meu corpo atira-se prà frente!
Galgo pla minha imaginação fora em torrentes!
Atropelo-me, rujo, precipito-me!...
Estoiram em espuma as minhas ânsias
E a minha carne é uma onda dando de encontro a rochedos!
Pensando nisto — ó raiva!
pensando nisto — ó fúria!
Pensando nesta estreiteza da minha vida cheia de ânsias,
Subitamente, tremulamente, extraordinariamente,
Com uma oscilação viciosa, vasta, violenta,
Do volante vivo da minha imaginação,
Rompe, por mim, assobiando, silvando, vertiginando,
O cio sombrio e sádico da estrídula vida marítima.»

* Estudante da Faculdade de Direito da ULisboa

José Manuel Simões

Comissário para as Comemorações
dos (723+) 10 Anos da ULisboa

É Professor Catedrático no Instituto de Geografia e Ordenamento do Território, ao qual presidiu por dois mandatos. Assume a boa disposição e a irreverência como características que o definem. Nós confirmamos, e damos a conhecer mais acerca do escolhido para comissariar as celebrações da criação da nossa Universidade.

Fotografias © Ana Luísa Valdeira



Foi menos uma vocação do que um «Porque não?» que situou a geografia no caminho de José Manuel Simões. A sua premissa em relação a esta ciência é, aliás, a da omnipresença: «A geografia está presente no dia a dia, à mesa do pequeno-almoço, na prateleira do supermercado. É um exercício que gosto de fazer, pensar de onde veio a madeira desta mesa, onde foram feitos estes telemóveis, os vossos óculos, o ferro das cadeiras... Está aqui uma geografia completa!» É com ironia bem-disposta que constata que, apesar das inúmeras viagens a título profissional e pessoal, a sua vida tem sido passada numa área geográfica restrita: «Nasci no Hospital de Santa Maria, na Cidade Universitária, e ainda cá ando; não consegui sair.»

Frequentou o Liceu Camões, cujo reitor, Joaquim Sérvulo Correia, era de uma rigidez que obrigava ao uso de gravata e a um comportamento comedido até na hora dos recreios, sendo proibidas as correrias. Manifestando pendor para as atividades desportivas desde a escola primária – que manteve ao longo da vida, inclusive na sua tese de doutoramento –, o jovem José Manuel Simões teve dificuldades em submeter-se a este espartilho. No 3.º ano, ingressou no Liceu Gil Vicente: «Um liceu fantástico. Já não havia gravata e fomentava o desporto. Eu jogava andebol e futebol.» Admite ter sido, nesta época, um aluno mediano. O entusiasmo pelo estudo, esse, só chegou na faculdade.

Entrou na Faculdade de Letras, casa de origem da geografia na Universidade de Lisboa, em 1974, o ano da Revolução. Foi aí, no 1.º ano da licenciatura, que encontrou o primeiro professor que o inspirou, Jorge Gaspar, hoje Professor Emérito da Universidade de Lisboa, de quem mais tarde se tornou colega e companheiro de gabinete: «A ele devemos a ideia da geografia aplicada. Julgo que não havia ninguém, na altura, em Portugal, que conhecesse tão bem o território, mesmo as aldeias mais

recônditas. Eu tentei acompanhá-lo. Foi ele que me entusiasmou e me tornou bom aluno.» Começou a dar aulas, como monitor, ainda antes de terminar o curso, e fê-lo ininterruptamente, acompanhando a emancipação do Instituto de Geografia e Ordenamento do Território (IGOT) da Faculdade de Letras.

Foi cofundador da Associação Portuguesa de Geógrafos, e explica-nos que a geografia assenta em dois grandes pilares: a geografia física e a geografia humana. Enveredou por esta última, especializando-se em ordenamento do território e urbanismo. Aliciava-o a criatividade necessária na realização dos planos: «Gostava das propostas utópicas que apresentávamos. Muitas não se realizaram, como a maior parte dos planos, mas propusemos coisas interessantes, a nível nacional e internacional. Particpei na projeção de uma cidade no Cotai, em Macau.»

A sua faceta artística revelou-se cedo. Ainda no Liceu Gil Vicente, fez um curso extracurricular de teatro de fantoches, no seguimento do qual foi convidado a fazer parte de um grupo que percorreu o país de lés a lés, realizando perto de 200 espetáculos; só chegado à licenciatura cessou essa atividade, tendo em conta o tempo que o estudo tomava a todos os membros do grupo. Antes do teatro de fantoches, havia feito outro curso, também extracurricular, de ourivesaria; ambas foram atividades promovidas no liceu pelo Secretariado para a Juventude, órgão do regime ditatorial.

Em casa, desenhava e pintava com aquarela e guache. Na escola, destacava-se pela utilização exímia da tinta da China no desenho geométrico. As formas geométricas continuaram a preencher as suas telas quando começou a pintar a óleo: «Escolhia a maior tela que cabia no carro e, quando iniciava um quadro, tinha de o acabar no mesmo dia ou no dia seguinte, o mais tardar. Era capaz de estar vinte horas seguidas a trabalhar, sem comer. Era obsessivo. Isso não era compatível com uma

«O turismo tem expressão na economia, na sociedade, no território; não pode ser uma disciplina secundarizada num país como Portugal.»



«Quando se fala em gentrificação, gosto de ver também o outro lado. Não podemos enjeitar uma atividade que tem este peso; o que não significa que não haja um conjunto de regras a ser respeitado.»

vida de professor, de planeador.» Fez peças em barro, esculpiu em pedra.

Não será, assim, de estranhar que a arte da fotografia atraísse José Manuel Simões mesmo antes de a exercer no contexto da geografia: «Há nesta ciência uma tradição enorme de fotografia. Para ilustrar qualquer ideia, o geógrafo fazia desenhos de campo ou tirava uma fotografia. Essa tradição, de paisagem, de memória, vem do Orlando Ribeiro, um dos primeiros grandes geógrafos do país, fundador do Centro de Estudos Geográficos (CEG).» Tem hoje cerca de 18 mil diapositivos, tirados em

viagens profissionais ao interior de Portugal: «Íamos em grupo. Logo a seguir ao 25 de Abril, houve a descoberta do país, de sítios idílicos, mágicos, isolados; as aldeias de Rio de Onor: Montesinho, Guadramil; Nodar... Davam-nos rolos de *slides* e, em cada fotografia que tirava, se achava que tinha interesse, tirava outra para o CEG. Depois, enviava para Madrid, Barcelona, Paris ou Londres para revelar. Passado um mês ou dois, era uma surpresa, ver o que tinha saído nos diapositivos.»

Continuou a fotografar fora do âmbito académico, e vimos algumas fotografias da

sua autoria penduradas nas paredes do gabinete. Contudo, a arte não está confinada a este recanto do IGOT: no átrio do edifício, José Manuel Simões criou o Espaço Arte, dedicado a exposições. Um dos seus projetos para a aposentação, que nos diz estar para muito breve, é ter um ateliê perto de casa para se dedicar novamente à pintura e à escultura. Como não poderia deixar de ser, a paixão por fazer arte levou-o à paixão pela arte como coleção, e confessa-nos: «todos os cêntimos que tenho são para comprar pintura e escultura».

A proliferação de interesses é um traço de carácter de José Manuel Simões, e, como tal, evidencia-se também no seu percurso académico. Além das mencionadas áreas do ordenamento do território e do planeamento urbano, o turismo é outro campo a que se tem dedicado e onde tem feito a diferença. Foi enquanto aluno de Carminda Cavaco, que considera ter sido das primeiras investigadoras sobre turismo em Portugal, que viu despertar o seu interesse por este ramo da geografia. Fundou e coordenou o grupo de investigação TERRITUR (Turismo, Património e Território), no CEG, dedicado ao desenvolvimento de investigação crítica e aplicada sobre o turismo na sua relação com as mudanças sociais, os patrimónios natural e cultural, e enquanto fator de transformação das paisagens e dos territórios. Foi também o propulsor da criação, em 2010, do único doutoramento em turismo da ULisboa até à data, em colaboração com a Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril: «O turismo tem expressão na economia, na sociedade, no território; não pode ser uma disciplina secundarizada num país como Portugal.»

Das várias abordagens ao turismo, a de José Manuel Simões pauta-se pelo planeamento e pela sustentabilidade: «Quando se fala em gentrificação, gosto de ver também o outro lado. Não podemos enjeitar uma atividade que tem este peso; o que não significa que não haja um

conjunto de regras a ser respeitado. Por exemplo, não pode haver alojamento local em prédios habitados. São lógicas diferentes: não pode haver pessoas a entrar às duas da manhã em prédios onde os residentes se deitam às onze da noite para irem trabalhar no dia a seguir.» Quanto aos cerca de 400 mil turistas que convergem em Lisboa diariamente, José Manuel Simões alerta para a necessidade urgente de organização: «O turismo não pode ser só Lisboa, só a Baixa, só Belém. Não há muitos sítios no mundo com uma área metropolitana como a nossa, com Sintra, a Arrábida, dois rios, monumentos classificados pela UNESCO, cordões de praia com quilómetros de extensão à distância de meia hora. Temos de fazer com que o turista não vá apenas para os mesmos sítios, e que volte e vá para outros, porque há um potencial enorme. Há também aqui questões de venda do produto.»

Aceitou o convite para comissariar as comemorações dos (723+) 10 Anos da ULisboa com um sentimento de grande responsabilidade e entusiasmo. O critério principal que regeu a criação e seleção dos eventos constantes do programa celebrativo foi a mobilização das várias Escolas. A exposição inaugural das comemorações, *Mirabilia – Coisas Admiráveis*, com curadoria sua, resultou do desafio que lançou aos presidentes e diretores de todas as Escolas de escolherem um objeto ou conjunto de objetos estritamente relacionados entre si. Os Museus, os Serviços de Ação Social e o Estádio Universitário também estão representados. «Inspirei-me nos gabinetes de curiosidades dos séculos XVI e XVII», conta-nos; «o objeto podia ser grande, pequeno, novo, antigo, cada qual interpretou como quis.» Patente no átrio de entrada da Reitoria até 24 de novembro, a esta exposição juntam-se outros cerca de 30 eventos, a decorrer até julho de 2024. Desvendamos alguns neste número da Revista. Esteja atento para se juntar a esta celebração! ♦

CIÊNCIA, PATRIMÓNIO E DIVULGAÇÃO

• ULISBOA, 10 anos, 10 visitas

Em torno do património edificado e museológico da ULisboa.

• Semana da ciência da ULISBOA

CONCURSOS

• ULISBOA photo

Concurso de fotografia aberto exclusivamente à comunidade da ULisboa e tendo como foco as vivências, os patrimónios, as infraestruturas, a inovação/futuro e as interações da ULisboa com a cidade.

EXPOSIÇÕES

• Arte no feminino: 10 anos, 10 artistas

Exposição com obras de mulheres artistas que em algum momento da sua vida tenham estado ligadas à ULisboa ou a universidades precedentes.

Inaugura a 8 de março de 2024.

MÚSICA

• ULISBOA Fest

Festival musical e performativo direcionado para os estudantes, com artistas jovens com percurso académico na ULisboa.

Primavera de 2024.

DESPORTO

• Torneio inter-escolas de futebol de 5



DEMO 2022, Faculdade de Arquitetura

Do outro lado do espelho

DEMO

Desfile de Moda Anual
da Faculdade de Arquitetura

É, desde o ano letivo 1999/2000, uma mostra do trabalho de licenciados e mestrados e uma montra do curso de design de moda na ULisboa. Falámos com duas das pessoas que estiveram na sua origem, e com quatro alunos que este ano se dedicaram (e sobreviveram) a esta experiência.

A perplexidade que a existência de um curso de design de moda numa Faculdade de Arquitetura pode causar é prontamente dirimida numa breve incursão pela história recente do ensino de belas-artistas a nível nacional. Em 1950, a Escola de Belas-Artes de Lisboa – ESBAL –, até aí designada apenas Escola de Belas-Artes, começa a ministrar os cursos de pintura, escultura e arquitetura. A reforma interna conjunta das escolas superiores de belas-artistas em 1974 conduz à criação, na ESBAL, de departamentos para cada uma daquelas disciplinas. É em 1979 que o departamento de arquitetura se separa da ESBAL e é integrado na Universidade Técnica de Lisboa, como Faculdade de Arquitetura. Só em 1992 a ESBAL é, por sua vez, integrada na Universidade de Lisboa e passa a Faculdade de Belas-Artes. Em 2013, com a fusão de ambas as universidades, as duas faculdades tornam-se parte da ULisboa.

É, assim, menos estranho que um curso de design de moda coabite com um curso de arquitetura, visto que os antecedentes são comuns. Maria José Sacchetti, a professora responsável pelo arranque do DEMO – Desfile de Moda Anual da Faculdade de Arquitetura, licenciou-se primeiro em arquitetura e só depois em design de moda, na Rhode Island School of Design, nos Estados Unidos da América. «Sabia que queria design de moda», diz-nos, «mas não existia nenhum curso em Portugal. Eu e muitos outros fizemos as malas e saímos do país.» Quando regressou, Tomás Taveira convidou-a para lecionar no primeiro curso superior de design de moda em Portugal, fundado em 1992, na Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa. «Os arquitetos trabalham com as proporções do corpo, tal como os designers de moda; tanto pensam uma cadeira, como um casaco ou uma joia», continua Maria José Sacchetti; «a dualidade não é invulgar, remonta ao século XIX: Le Corbusier ou

Adolf Loos tinham opiniões sobre moda e desenharam vestuário.» A professora juntou-se a uma equipa formada por nomes hoje soberamente reconhecidos na moda nacional e internacional, como Manuel Alves e José Manuel Gonçalves, Eduarda Abbondanza, ou Mário Matos Ribeiro, recentemente falecido. Na altura, o curso tinha a duração de cinco anos e Maria José Sacchetti lecionava o último, onde encontrava – e ainda encontra, já que continua a dar aulas nos 1.º e 3.º anos da licenciatura – «alunos cheios de sonhos e cheios de medos, prestes a sair da zona de conforto e a lançar-se na profissão».

É à terceira turma finalista do curso de design de moda, do ano letivo 1999/2000, que se deve a criação do DEMO, tal como o seu batismo. Sara Lamúrias, aluna dessa turma e hoje, além de designer de moda com marca própria, também professora na Faculdade de Arquitetura, recorda a energia impulsionadora da criação do evento: «A turma era pequena, cerca de 14 alunos, mas formámos um grupo ainda menor e intitulámo-nos G7. Éramos apaixonados por moda e muito dinâmicos.» Antes do DEMO, nesse mesmo último ano do curso, o G7 organizou duas atividades de média escala, um desfile nas passeadeiras rolantes da estação de metro de Entrecampos e uma exposição de roupas criadas por si na Galeria Zé dos Bois. Um desfile de final de curso parecia o passo natural seguinte. Sara e Maria José guardam a mesma recordação: a insistência irredutível dos alunos junto da professora, que defendia que a entrada dos alunos no mundo profissional carecia não de um desfile, mas de um portefólio sólido apresentado numa boa produção fotográfica. Cedeu com uma única condição: a ser feito, tinha de ter um nível de qualidade profissional.

Para tal, a luz e o som são imprescindíveis; é, até hoje, a rubrica com o custo mais elevado do orçamento, para o qual a Faculdade de Arquitetura contribui anualmente com a contratação de uma



© Daniela Barreto e Filipa Oliveira

Street tragedy, coleção desenvolvida por Rodrigo Gouveia, Mafalda Mendes, Mafalda Pereira, Juliana Zhou. Peça na foto da autoria de Rodrigo Gouveia.



© Daniela Barreto e Filipa Oliveira

Peça da autoria de Inês Ramalho

«Passávamos as noites na Faculdade, lembro-me de sair daqui às cinco da manhã, ir a casa tomar um banho e voltar para ter aulas às oito e meia.»

Sara Lamúrias

empresa externa. Os outros elementos indispensáveis à realização do desfile são garantidos por patrocínios assegurados por professores e alunos e, sobretudo, pela colaboração de uma equipa interna invariável desde o primeiro DEMO: os manequins são escolhidos e dirigidos por Luís Pereira, a maquilhagem e os cabelos estão a cargo de Antónia Rosa e Helena Vaz Pereira, respetivamente; estes três profissionais trabalham anualmente para a Moda Lisboa. Os modelos participam no DEMO em regime *pro bono*, com as agências a escolherem os mais novos para que tenham aqui a oportunidade de ganhar experiência e criar portefólio: não é somente para os alunos que o DEMO é o primeiro desfile das suas vidas.

O primeiro DEMO decorreu no Cubo, uma infraestrutura da Faculdade de Arquitetura adaptada ao evento por um grupo de alunos de arquitetura de interiores, que se voluntariou para desenhar a *passerelle* e reestruturar o espaço. Mais de duas décadas depois, Sara Lamúrias ainda é capaz de reviver a intensidade dessa experiência: «O mais duro foi fazermos tudo, organizar e fazer a roupa. Passávamos as noites na Faculdade, lembro-me de sair daqui às cinco da manhã, ir a casa tomar um banho e voltar para ter aulas às oito e meia.» Além da energia que lhe permitiu aguentar este ritmo durante dias antes do desfile, Sara garante que «é a paixão que alimenta a capacidade de trabalho; se não se gostar, não é possível acompanhar o ritmo intenso, exigente e rápido desta profissão». Adjetivos adequados ao próprio desfile, evento «com um trabalho enorme de bastidores e que acontece em muito pouco tempo; é uma descarga emocional extraordinária, e uma satisfação muito grande». Os relatos de alguns dos alunos que participaram no último DEMO, realizado em junho de 2023, sublinham esta intensidade. Inês Ramalho e Rodrigo Gouveia, atuais alunos do mestrado em design de moda, concordam nas impressões que guardam do momento: «Esse dia todo está tão nublado na minha cabeça... Foi uma descarga gigante. Ia muito privada de sono e sentia que estava prestes a ter um colapso», conta Inês; «Estávamos todos!», completa Rodrigo.

Inês é aluna do 2.º ano de mestrado, assim como Diogo Rodrigues; Rodrigo frequenta o 1.º, tal como Gabriela Azevedo. Participaram no DEMO de 2023 em papéis diferentes. Rodrigo e Gabriela, enquanto finalistas da licenciatura, trabalharam em grupos, e Inês e Diogo, mestrandos, apresentaram um trabalho individual. No começo, o DEMO contemplava a mostra dos trabalhos dos alunos de licenciatura; quando a licenciatura se estruturou em três anos, o desfile passou a incluir também os trabalhos dos alunos de mestrado. Os alunos de licenciatura juntam-se em grupos para criarem uma cápsula, nome dado a uma coleção composta por vários coordenados, cada coordenado correspondendo a um conjunto de peças de roupa e acessórios, apresentado por um manequim. Anualmente, é-lhes proposto um tema de trabalho, mas Maria José Sacchetti assegura que é dada «imensa liberdade a cada um para desenvolver o seu processo criativo e explorar na direção que quiser».

Os alunos começam a dedicar-se em exclusivo ao DEMO no 2.º semestre do último ano de licenciatura ou do 1.º ano de mestrado. O objetivo geral da licenciatura é o domínio das técnicas de moda e a aprendizagem do trabalho em grupo. Ambas as professoras estão de acordo na importância do trabalho em equipa num mundo onde, aparentemente, predomina a individualidade e que promove a descoberta e a afirmação de uma identidade artística: «Todos os artistas oferecem resistência a trabalhar em equipa, sentem a liberdade coartada; aqui mostramos que trabalhar em design de moda fora da escola é sempre trabalhar em equipa, há sempre constrangimentos, limitações, cedências a fazer», diz-nos Maria José Sacchetti.

Gabriela Azevedo revela com entusiasmo que, no seu grupo, o trabalho decorreu de forma harmoniosa. Pela primeira vez, ganhou consciência da responsabilidade que requer um processo criativo, especialmente no que respeita ao custo dos materiais. Caso não tivessem obtido o patrocínio de uma casa de peles – matéria-prima de todas as suas peças –, o custo do projeto teria ascendido a um nível dificilmente suportável pelos alunos; são sempre estes que custeiam os materiais necessários, não só no desfile, mas ao longo de todo o curso. «Houve benefício no trabalho em grupo», conta-nos Gabriela; «sou muito picuinhas, se uma costura estiver mal feita e for preciso repetir dez vezes, repito. Trabalhámos todos juntos no design dos modelos, aproveitando ideias ou partes de ideias de cada um». No final, «o trabalho não só correspondeu às minhas expectativas, como as superou».

A experiência de Rodrigo Gouveia diferiu da de Gabriela: «Quando se trabalha em grupo, há pessoas com ideias muito fortes e é complicado englobar tudo. Temos de estar todos em consonância e de ter o acordo dos professores. No nosso caso, até ao

final não sabíamos como ia ser a coleção; estávamos sempre a fazer alterações, devido aos problemas de comunicação.» Contudo, a esta distância Rodrigo reconhece as vantagens: «Tínhamos uma colega que não era boa na costura, e outra que era incrível, e distribuíamos o trabalho consoante os pontos fortes de cada um. No meu caso, era o *styling* [a combinação de roupa e acessórios]. Cada um teve o seu papel. Se não fosse em grupo, seria mais complicado.» Sendo um processo gerador de alguma ansiedade, Rodrigo afirma que a sua satisfação com o resultado final foi absoluta, e que se reviu no trabalho apresentado.

«Património» foi o tema proposto para o DEMO de 2023, inspirando-se cada aluno convidado, de forma lata, no local de origem. «O processo de investigação foi longo», diz-nos Gabriela, «éramos todos de sítios diferentes, da Suíça a Bragança, mas conseguimos incorporar detalhes referentes ao património de cada um.» Os alunos de mestrado também foram desafiados com este tema, e Diogo Rodrigues escolheu não um local, mas um país, Portugal: «Quería trabalhar uma técnica de tapeçaria portuguesa.» À sua coleção deu o nome de uma canção de Simone de Oliveira, «Meu menino Portugal», e dela constou uma saia que só ficou pronta no dia anterior ao desfile: «É quase um tapete gigante, demorou um mês a estar completa.» O progresso na execução de uma peça é acompanhado em aula, a um ritmo semanal, com a apresentação da ideia ou da peça à professora, que as analisa e dá sugestões. O grupo de Rodrigo também desenhou uma peça cuja execução demorou cinco meses, de fevereiro a uma semana antes do desfile, em junho, dada a complexidade dos moldes: «Queríamos fazer um casaco cujas mangas encaixassem quando fechadas, o que levantava problemas por causa da cava. Procurámos soluções em livros, nos exemplos de outras peças, e acabámos

DEMO 2017, Antigo Picadeiro do Colégio dos Nobres



DEMO 2023, Aula Magna





© Daniela Barreto

DEMO 2022, Faculdade de Arquitetura

«Houve benefício no trabalho em grupo. Trabalhámos todos juntos no design dos modelos, aproveitando ideias ou partes de ideias de cada um.»

Gabriela Azevedo



© Daniela Barreto e Filipa Oliveira

Peça da autoria de Diogo Rodrigues

por conseguir o que queríamos experimentando, a fazer *draping* [modelagem dos tecidos diretamente no manequim]. Esta peça estava a causar-nos muita ansiedade e a atrasar o outro trabalho, mas acabou por ficar como queríamos.»

Diogo apresentou uma coleção individual, mas preferiria ter trabalhado em grupo, já que o aspeto mais desafiante foi a conceção propriamente dita: «Habituei-me a trabalhar em grupo na licenciatura, é uma dinâmica que origina mais ideias.» Nas fases da execução, do desenho à confeção, Diogo não deixou o trabalho por mãos alheias, ou quase: precisava de saber mais sobre malhas e pediu à mãe que lhe ensinasse, recorrendo também a uma amiga para o ajudar na modelagem. Aprendera a costurar num ateliê, antes da entrada na licenciatura, mas esse conhecimento e o que adquirira na Faculdade revelaram-se insuficientes para este projeto.

Percalços de última hora são comuns em qualquer evento; no entanto, dir-se-ia serem parte integrante de um desfile de moda.

Momentos antes de a sua coleção entrar em passareira, Diogo debatia-se com o ajuste da saia ao modelo escolhido: «Estive meia hora a coser molas para a apertar ao modelo. Estava tão nervoso que pedi ajuda a colegas do 2.º ano de mestrado, senão o modelo ia nu para o palco! [Risos] É sempre um grande *stress*.» As medidas de cada manequim são indicadas aos alunos com alguma antecedência, mas não há tempo para a prova física das roupas antes do desfile e é comum haver discrepâncias entre o tamanho da peça e o do manequim. Alunos e professores vão precavidos para o desfile com agulhas, linhas, alfinetes de dama, cola de tecido, molas de roupa, ou ferros de engomar; mesmo assim, Gabriela conta-nos como, na própria manhã do desfile, foi necessário ir comprar calçado para os manequins, chegando a haver partilha de sapatos entre grupos. Os imprevistos não se circunscrevem a este aspeto, como Rodrigo partilha: «Ao meu grupo, desapareceu-nos um modelo. [Risos] Ela estava nos bastidores, mas não compareceu ao desfile da cápsula; reapareceu no desfile de conjunto. Até hoje não sabemos o que aconteceu.»

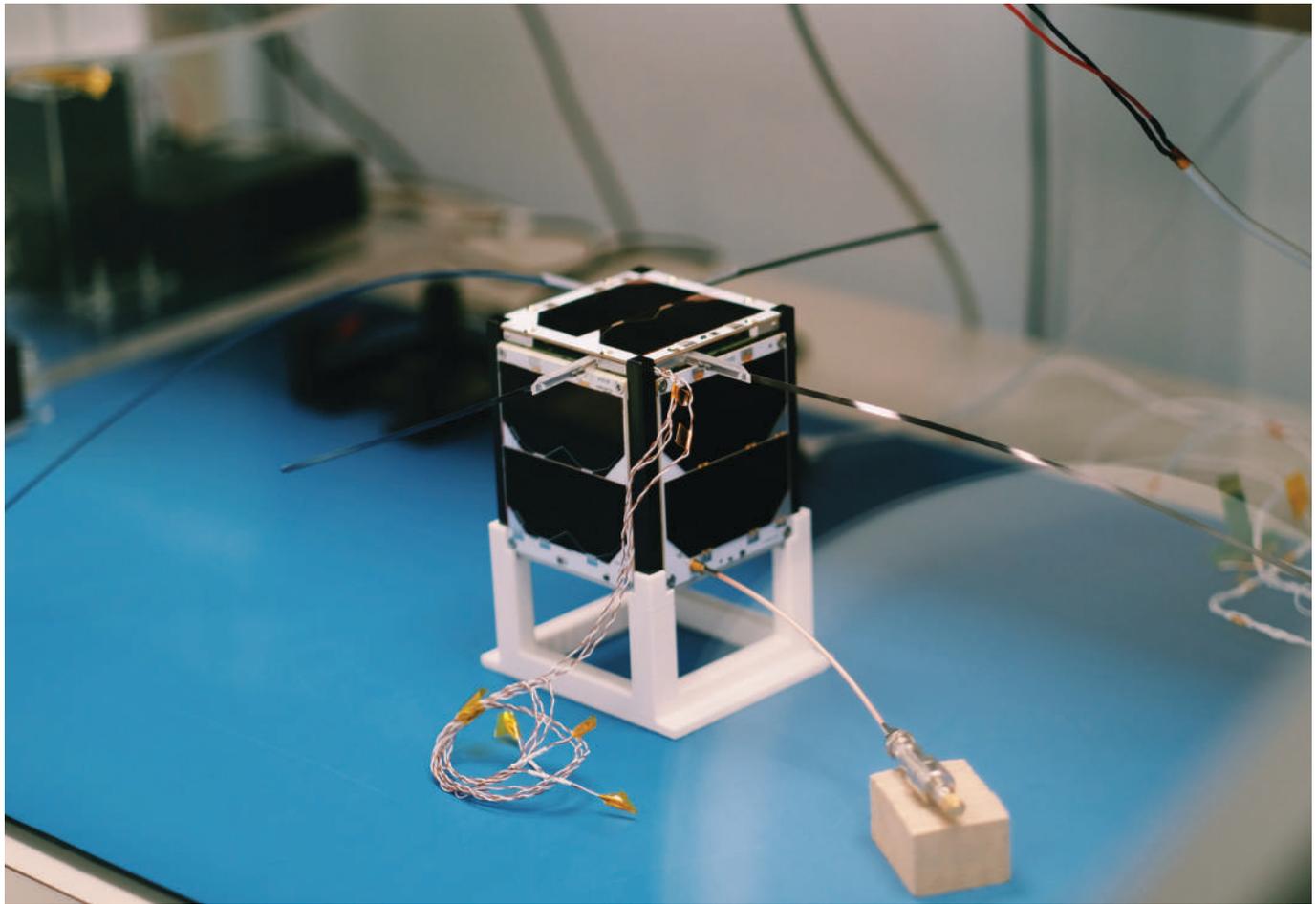
O DEMO é encarado pelos alunos como o culminar do seu percurso de formação. Nos anos de pandemia, o desfile foi substituído por um vídeo e uma sessão fotográfica para cada trabalho. Sara Lamúrias recorda que «ficaram tristíssimos. Os alunos têm aquele sonho, a aspiração ao desfile. Querem muito mostrar o trabalho à família, mas, além disso, quem gosta de moda gosta de criar imagens, de toda a produção. Eles precisam do evento, do momento de apoteose.» É, por isso, natural que as expectativas sejam elevadas e que qualquer falha adquira contornos extraordinários. «Houve um ano em que o manequim de uma aluna entrou em *passerelle* sem uma das peças do conjunto, uma espécie de chapéu», continua Sara; «a aluna ficou furiosa, mas eu disse-lhe que ninguém sabia o que ela tinha projetado, o que ela tinha pensado, por isso ficou bem na mesma.»

Há casos em que é o inverso, em que o resultado supera as imagens na nossa mente. A história de Inês Ramalho é diferente da dos seus colegas, na medida em que só após uma licenciatura em engenharia eletrotécnica e de computadores, no Instituto Superior Técnico, ingressou no mestrado na Faculdade de Arquitetura. O curso permite-o, aceitando alunos com uma formação anterior em nada relacionada com moda. Está previsto, por isso, que no 1.º ano de mestrado estes alunos possam frequentar aulas em que adquiram as bases que lhes faltam, especialmente a nível técnico, como o desenho, a modelagem – a execução dos moldes para a construção das peças –, ou a costura. Foi o que Inês fez, apercebendo-se de que o seu maior desafio nesta nova aventura há muito aguardada não seria a aquisição das competências técnicas: «A parte criativa nunca tinha sido desenvolvida no meu cérebro. Nunca tive aulas de desenho, ou de história da arte. Os meus colegas dispunham de um enriquecimento, fruto do contacto com a matéria artística, que me faltava, e que lhes permitia

criar e traduzir para o papel o que tinham na cabeça com mais facilidade.» Mesmo com esta dificuldade acrescida, e sempre numa corrida contra o tempo, Inês foi responsável por todas as fases de cada peça sua, do desenho à confeção. Reconhece que ficou orgulhosa com o que apresentou e que se interessou pelo processo de criação, mas esta experiência permitiu-lhe perceber melhor o que quer da moda: «Ambiciono ter ao meu lado alguém muito bom a criar, e eu gostava de ser a pessoa que faz o transporte dessa ideia para uma peça executável. Gosto da moda numa vertente técnica, manual e de confeção.» Foi para o DEMO munida de tesoura, ferro de engomar e até de uma máquina para colocar botões de pressão, informação que teria sido útil ao grupo de Rodrigo, que, horas antes do começo do desfile, estava na baixa lisboeta precisamente a colocar botões de pressão numa das suas peças; a confusão nos bastidores fez com que a mensagem não passasse, e trouxe também a tesoura preferida de Inês – vicissitudes menores que ficam como histórias para contar.

Ao longo destes anos, o DEMO teve lugar dentro e fora da Faculdade de Arquitetura, em espaços como o MUDE – Museu do Design e da Moda, a FIL – Feira Internacional de Lisboa, o Palácio Almada Carvalhais, o Antigo Picadeiro do Colégio dos Nobres, o Mercado de Santa Clara ou as Carpintarias de São Lázaro. Cada DEMO é divulgado publicamente, sendo convidada a imprensa especializada, além da família e dos amigos dos alunos, que compõem a maioria da audiência. É simultaneamente o fechar de um ciclo e o início de outro, quer para os que seguem para mestrado, quer para os que se lançarão na profissão. Depois do desfile, os alunos fazem uma sessão fotográfica do seu trabalho, com vista à construção do seu portefólio. Diogo tem investido na divulgação das suas peças, que já enviou para Londres para fazerem parte de uma sessão fotográfica, e com as quais voltou a desfilar numa mostra nacional de jovens criadores. Pensa, a breve trecho, contactar fábricas para analisar a viabilidade de produzir as suas calças de ganga, que têm sido muito requisitadas. As peças do grupo de Rodrigo também já foram solicitadas várias vezes para integrarem sessões fotográficas, quer por parte de publicações periódicas, quer por escolas de *styling*.

Nestas duas décadas, houve mudanças nos modos de ensino e de aprendizagem, com a diminuição da duração da licenciatura, o aumento do número de alunos por turma, as oportunidades oferecidas pelo Programa Erasmus, a transformação radical no acesso ao conhecimento com o uso generalizado dos *smartphones* em ambiente de aula. No entanto, o DEMO persiste e instalou-se enquanto tradição, na peugada das escolas de moda internacionais. Um dos papéis do curso é, segundo Maria José Sacchetti, «desconstruir a idealização do mundo da moda, o *glamour* que lhe está associado; há prazos, pressão e rejeição, e os alunos têm de criar resiliência». É certo que o DEMO contribui para esta aprendizagem, e para alimentar o sonho. ♦



O IST-Sat1

Em órbita

ISTSat-1

Está pronto o projeto espacial mais avançado integralmente desenvolvido em Portugal. Nasceu no *campus* do Instituto Superior Técnico no Taguspark, pelas mãos de estudantes e professores que arriscaram para aprender.

Fotografias © Ana Luísa Valdeira

Em 2008, a Universidade Técnica de Delft, nos Países Baixos, lançava o Delft-C3, um satélite construído por estudantes. Nesse mesmo ano, era inaugurado no *campus* do Instituto Superior Técnico no Taguspark uma estação de rastreio de satéli-

tes que monitorizaria esse mesmo satélite, recolhendo os seus sinais e enviando-os para Delft. No entusiasmo do momento celebratório da inauguração, Moisés Piedade, professor do Departamento de Engenharia Eletrotécnica e de Computadores (DEEC), hoje jubilado, não se conteve

e anunciou à imprensa: «Vamos também começar a construir o nosso próprio satélite.» Quase dez anos depois, em 2017, essa afirmação arrojada fez-se valer.

Foi esse o ano em que Rui Rocha, professor do DEEC e líder da equipa responsável pelo ISTSat-1, tomou conhecimento do

Alexandre Silva, Manuel Santos,
João Paulo Monteiro, Rui Rocha
e Moisés Piedade



programa Fly Your Satellite!, da Agência Espacial Europeia (ESA), e decidiu concorrer. Alexandre Silva, engenheiro de *software*, estava nessa altura a terminar a sua tese de mestrado, onde apresentava a primeira versão do *ground segment*, ou segmento terrestre, do ISTSat-1. Foi o principal responsável pelo desenvolvimento deste sistema, composto pelos elementos terrestres de *hardware* e *software* que permitem a comunicação com o satélite, enviando e recebendo dados. Feita a submissão da candidatura ao programa da ESA, cuja redação da proposta de projeto havia implicado dias e noites longos, Rui Rocha garantiu: «O pior que nos pode acontecer é sermos aceites, dada a quantidade de trabalho que teremos pela frente!» Confirmam-nos que assim foi. Ainda hoje, com o satélite pronto, todos os testes a que o sujeitam são obrigatoriamente registados. Manuel Santos, engenheiro eletrónico, explica que «a ESA exige documentação de todos os testes, os bem-sucedidos e os falhados, com a justificação e o procedimento realizado». Alexandre calculou que, entre 2017 e 2019, foi produzida documentação que, impressa, estaria na proporção de 1,2 kg de papel por 1 kg de satélite (que pesa 1095 g); hoje, decerto que o resultado ex-

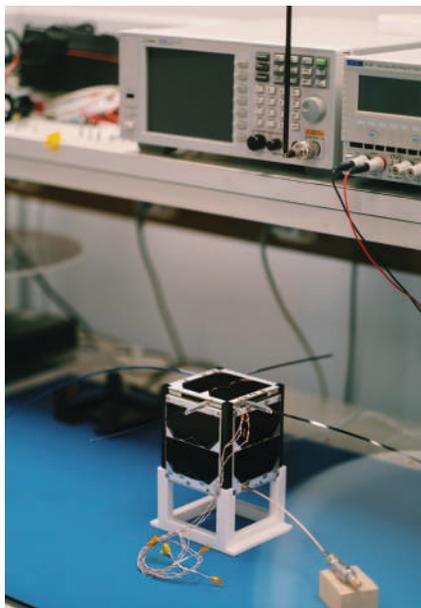
cederia em muito este cálculo inicial.

De que falamos quando falamos do ISTSat-1? De um cubo com 10 cm de aresta (100 x 100 x 113 mm), fonte de energia de 700-1100 mW, cinco painéis solares, tendo como carga um sistema ADS-B (Automatic Dependent Surveillance – Broadcast) autodesenvolvido e uma duração de vida no espaço de 12 meses. Pertence à família dos nanossatélites – de peso inferior a 10 kg –, especificamente dos CubeSat. Este tipo de satélites foi criado por Robert J. Twiggs e Jordi Puig-Suari em 1999, e desenvolvido na Universidade de Stanford, com o objetivo de tornar a construção de um satélite acessível a estudantes universitários. A sua dimensão torna os CubeSat viáveis para a produção em ambiente académico tanto a nível de custos como temporal: a maior parte dos satélites pesa entre 20 e 30 kg e demora cinco anos a finalizar; o tempo total de produção de um CubeSat, do desenho ao lançamento, é de dois anos, o que permite que os alunos acompanhem integralmente o processo durante o seu ciclo de estudos.

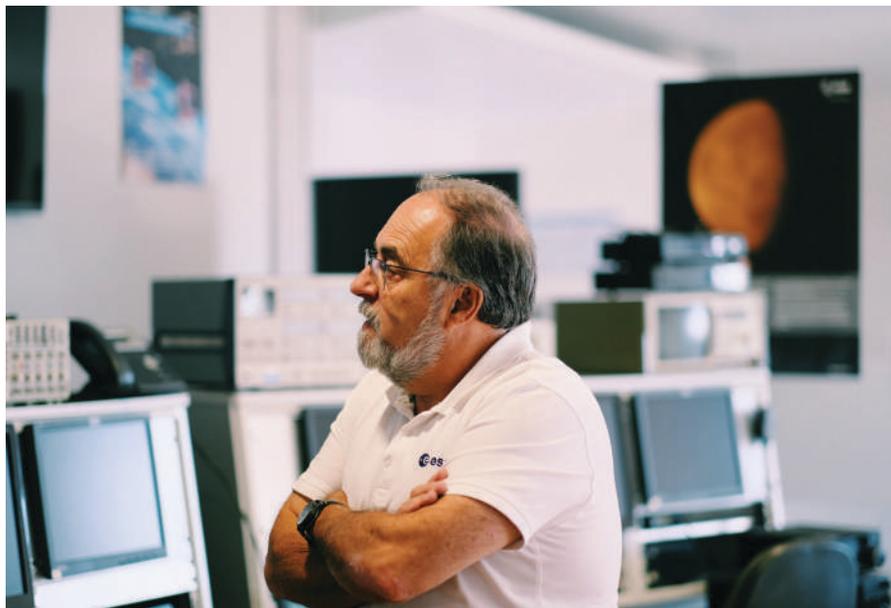
O tamanho não lhe retira complexidade: é um sistema distribuído, composto por cinco subsistemas; se considerarmos, de modo lato, que cada subsistema é um com-

putador, podemos vê-lo como uma rede de computadores. Este tipo de satélites está desenhado para operar em órbitas baixas, e o ISTSat-1 navegará a 580 km da Terra. A sua missão é testar a capacidade de deteção da presença de aviões em zonas remotas, como explica Rui Rocha: «Desde 2020, é obrigatório que os aviões tenham um sistema ADS-B, que consiste na emissão regular de um sinal para indicar a sua posição. Esse sinal é recebido nas muitas estações que existem em terra; contudo, em zonas remotas, como os polos, e sobre a água, não há recetores, logo não há deteção dos sinais. Aí, a deteção só é possível a partir do espaço. Existem satélites que o fazem a partir de órbitas mais elevadas, com sistemas mais complexos; a missão do ISTSat-1 não é fazer rastreio efetivo, mas testar um recetor pequeno, compacto, e perceber se é possível rastrear este tipo de sinais a partir de órbitas baixas.»

A missão foi a última coisa em que a equipa pensou. O interesse maior era aprender a construir um satélite, do início ao fim, controlando todas as fases do processo. «Este satélite é para aprender», afirma Rui Rocha sem hesitação, e com orgulho. Pelo projeto ISTNanosat, no âmbito do qual se desenvolve o ISTSat-1,



O ISTSat-1 na sala limpa



Rui Rocha com a estação de rastreio, ao fundo

«Este satélite é para aprender», afirma Rui Rocha. Pelo projeto no âmbito do qual se desenvolve o ISTSat-1 já passaram mais de 50 pessoas, na sua maioria estudantes, e foram realizadas cerca de 30 dissertações de mestrado e teses de doutoramento.

já passaram mais de 50 pessoas, na sua maioria estudantes, e foram realizadas cerca de 30 dissertações de mestrado e teses de doutoramento; foi, aliás, no contexto de tais dissertações de mestrado que os subsistemas do satélite foram desenvolvidos. À semelhança de Alexandre Silva, que trabalha hoje numa empresa do ramo de IoT («Internet of Things»), outros antigos colaboradores no projeto disseminam o conhecimento aí adquirido pelo tecido industrial e empresarial português. «O ciclo só fica completo quando o conhecimento criado na universidade é transmitido», continua Rui Rocha; «uma das vantagens de termos montado este projeto com objetivos educativos é que as pessoas ficam a deter um determinado conhecimento com o qual premeiam a sociedade noutras áreas.»

Os objetivos educativos do projeto estavam em sintonia com as linhas gerais do programa espacial Fly Your Satellite!, exclusivamente destinado a equipas universitárias; contudo, o projeto da equipa

do IST distinguia-se por ter a seu cargo a construção integral do satélite. Seria isto um problema? A opção apresenta vantagens óbvias: maximização da aprendizagem, garantia do controlo absoluto das alterações necessárias aos subsistemas, diminuição do custo do satélite e das suas réplicas. Porém, a equipa nunca havia lançado um satélite. Mesmo assim, vingou entre os quatro projetos vencedores dos 13 que concorreram.

João Paulo Monteiro integrou a equipa em 2017, poucos meses depois de Alexandre Silva. Terminara o mestrado em engenharia aeroespacial e preparava-se para o seu primeiro trabalho numa empresa de componentes eletromecânicos, em Évora, quando Rui Rocha e Moisés Piedade o resgataram para prosseguir para doutoramento, no âmbito do projeto. Assumiu a coordenação técnica, sendo o ponto de contacto entre a ESA e a equipa: «Sou a interface entre a ESA, que pede alterações ao satélite e explicações sobre aspetos do projeto de engenharia, e as pessoas do

projeto com os conhecimentos adequados para responder a essas dúvidas, que cabe a mim identificar.» O fabrico do satélite realizou-se entre 2017 e 2018, da encomenda de peças à produção de protótipos. Neste processo, o momento de pressão mais assinalável deveu-se à produção da bateria: «A ESA insistiu para comprarmos a bateria a um fornecedor, em vez de a fabricarmos internamente. Trata-se sobretudo de uma questão de segurança. As peças para o espaço são caras por já terem voado e provado que funcionam. Nada comprova de forma mais clara que algo vai funcionar do que já ter estado no espaço. Nenhum teste provaria melhor que uma bateria não explodiria do que uma bateria que já voou e não explodiu.»

Este foi outro aspeto em que a equipa do ISTSat-1 se destacou. Adaptou com sucesso uma bateria de lítio, equivalente a quatro baterias de um *smartphone* comum, a voar no espaço. Fê-lo de modo autónomo, seguindo um procedimento de teste elaborado pela NASA que começa precisamente por dizer que a bateria em causa não é adequada a utilização em ambiente espacial; seguem-se páginas com um rol extenso de indicações para a tornar compatível, que a equipa cumpriu escrupulosamente. Faltava, contudo, o mais difícil: persuadir a ESA a testar, pela primeira vez, uma bateria no seu laboratório. «Foi um esforço corajoso da parte do gestor do Fly Your Satellite!», admite João Paulo Monteiro; «ninguém na ESA queria arriscar testar uma bateria. Ele foi um grande aliado, porque também queria aprender. O que fizemos por cem euros ter-nos-ia custado dez mil.» O teste foi bem-sucedido, e é hoje um dos marcos da ESA para a promoção das valências do seu laboratório.

A ideia inicial era fazer um satélite de 3 U – três unidades de satélite –, ou seja, o triplo do tamanho do atual, de apenas 1 U, mas o custo verificou-se inabarcável. O programa Fly Your Satellite! financia as deslocações dos membros da equipa para a realização de testes e formações às

instalações da ESA na Bélgica e nos Países Baixos; garante o acesso permanente a especialistas para o esclarecimento de dúvidas; e tem a seu cargo o lançamento. No que respeita aos recursos humanos e ao *hardware*, das bolsas à aquisição de componentes, os financiadores principais foram o IST, o INESC-ID e o Instituto de Telecomunicações. Outros patrocinadores houve cujo apoio se manifestou em serviços: «Na ANACOM fizemos os testes de compatibilidade eletromagnética e de caracterização dos rádios; a Lusospace aplicou o revestimento isolante nas placas de circuito impresso e deu-nos um curso de soldadura para espaço; a Active Space Technologies permitiu-nos realizar testes na câmara de vácuo, para caracterizar termicamente o satélite; e calibrámos o nosso equipamento de teste no Instituto Português da Qualidade, sem custos. Para o caso das baterias, por exemplo, é importante termos medições com um equipamento calibrado», explica Rui Rocha. João Paulo Monteiro complementa, reforçando o nível avançado, e multifacetado, de aprendizagem implicado neste projeto: «Soldámos placas para espaço, e ninguém faz isso; normalmente paga-se para outros o fazerem.»

Depois de adquiridos todos os componentes de *hardware* e produzidos os subsistemas, a montagem do satélite gerou novas questões. «Fazer os subsistemas trabalhar em sintonia foi um desafio», explica João Paulo Monteiro. «Montámos o satélite num ano e estamos há três a limpar problemas de integração. Houve coisas que pareciam funcionar nos subsistemas isolados e que deixaram de funcionar quando os juntámos.» Manuel Santos juntou-se ao projeto nesta altura: «O satélite já estava construído quando cheguei, e participei mais na parte da integração, na limpeza de erros ou falhas nos subsistemas. A programação do satélite está dividida em comandos de alto nível, com instruções genéricas, e de baixo nível, que interagem com os circuitos e mudam o estado lógico das coisas. A minha área era essa.»

Os últimos anos têm sido dedicados aos testes finais: os testes funcionais, de laboratório; os testes de vibração mecânica e de amplitude térmica elevada, que simulam o lançamento; e os testes de vácuo, em ambiente simulado de espaço. A preocupação principal, ao longo de todas as fases do processo, foi garantir que o ISTSat-1 não se desintegraria no lançamento, não interferiria com outros satélites, e que as suas baterias não iriam explodir. Este, que é o primeiro CubeSat integralmente produzido em Portugal, terá outros companheiros no Ariane 6, o foguetão que o levará ao seu destino. O posicionamento em órbita será feito a partir da cúpula do foguetão, onde estará num dispositivo denominado P-Pod, uma espécie de catapultada que o lançará para o espaço, previsivelmente no início de 2024, a partir do Centro Espacial de Kourou, na Guiana Francesa.

Em terra, a atividade continuará na estação de rastreio, que monitorizará o satélite, uma função nada despendiosa: «Sem a contraparte do equipamento de terra, o satélite é só um tijolo que está lá em cima.» O trabalho prosseguirá também no IST Nanosat Lab, nascido deste projeto. Do laboratório faz parte a primeira sala limpa para a montagem de nanosatélites, uma infraestrutura indispensável para o trabalho em projetos aeroespaciais. A sala limpa possui um sistema de filtragem que ventila o ar com pressão positiva para o seu interior, permitindo trabalhar num ambiente com um número reduzido de partículas. É lá que o ISTSat-1 se encontra até ser colocado a bordo, preservado de partículas espúrias para evitar que estas prejudiquem o seu funcionamento ou o dos satélites que o acompanharão.

Prevê-se que o futuro traga projetos «mais a doer», avança Rui Rocha. O recrutamento de novos alunos tem sido um dos papéis principais de João Paulo Monteiro, identificando e orientando uma nova geração de cientistas empenhados em criar e disseminar conhecimento. No fundo, em arriscar. ♦





André Simões tem 52 anos e é professor no departamento de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lia Alves tem 20 anos e frequenta, na mesma instituição, o terceiro ano do curso de Estudos Clássicos e Portugueses. Além do latim e do grego, une-os a utilização das redes sociais como ferramentas de ensino, de aprendizagem e de divulgação do conhecimento: o primeiro privilegia o *TikTok*, a segunda, o *Instagram*.

Fotografias © Ana Luísa Valdeira

A vida social das línguas mortas

André Simões e Lia Alves



Era ainda uma criança quando começou a interessar-se pela Antiguidade Clássica. Aprendeu a ler aos 4 ou 5 anos, antes de ir para a escola (feito comum, informa-nos, entre crianças com alguma espécie de neurodivergência). Guarda uma memória antiga de ter passado uma tarde inteira a ler a adaptação de João de Barros da *Odisseia*, enfiado num armário. Ficou tão fascinado, que a mãe começou a comprar-lhe toda a espécie de livros de mitologia. Assim que teve oportunidade, no 10.º ano, pôs-se a estudar latim; e, antes de ir para a universidade, foi aprender grego no Convento do Varatojo, em Torres Vedras, de onde é natural. Hoje, **André Simões** é professor na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e tem uma página de *TikTok* dedicada à divulgação dos Estudos Clássicos.

Tudo começou com a página de *YouTube* «De Lingua Latina», que criou em 2020, durante a pandemia, para suprir as aulas presenciais. Nos primeiros vídeos, que continham somente exercícios e explicações, André Simões não dava a cara. Depressa percebeu que havia uma procura grande por materiais desse tipo, não só por parte de estudantes da Universidade de Lisboa, mas também por estudantes e curiosos vindos do outro lado do Atlântico, nomeadamente do Brasil. Teve a ideia de tentar transpor os conteúdos pedagógicos que criava para outras plataformas, primeiro para o *Instagram*, e depois para o *TikTok*. Este último tornou-se o seu veículo de preferência e tem tido um êxito inesperado. A página www.tiktok.com/@prof.de.classicas conta já mais de 20 000 seguidores, o que é um número bastante elevado, no contexto português, para uma conta de nicho como a sua.

«Não vejo o *TikTok* como um complemento às aulas, mas como um instrumento de divulgação dos Estudos Clássicos. A página permite mostrar, em primeiro lugar, que os Estudos Clássicos existem. Em segundo lugar, que não são aquela coisa enfadonha, maçadora, para uma elite, e nem o latim é uma coisa só de padres.»

André Simões

Explica-nos que foi avançando no universo do *TikTok* por tentativa e erro, de forma autodidata, até encontrar a linguagem que julgou adequada para o que pretendia. Considera os instrumentos de edição de vídeo do *TikTok* relativamente simples e, em geral, nunca perde mais do que 15 minutos a produzir um vídeo. Mas qual o propósito da utilização desse meio, para André Simões? «Não vejo o *TikTok* como um complemento às aulas, mas como um instrumento de divulgação dos Estudos Clássicos. A página permite mostrar, em primeiro lugar, que os Estudos Clássicos existem. Em segundo lugar, que não são aquela coisa enfadonha, maçadora, para uma elite, e nem o latim é uma coisa só de padres. As pessoas ficam muito surpreendidas quando veem que, afinal, a língua latina pode ser divertida e que tem uma literatura que está longe de ser aborrecida.»

Aborrecida é, por sinal, coisa que a página de André Simões não é. Os conteúdos que produz são sempre originais, joviais e criativos, além de educativos e muito diversificados. Por exemplo, podemos aprender a forma como os romanos contavam os dias do mês, ou como se depilavam as mulheres gregas antigas; podemos saber como passar alguns nomes latinos e gregos para portugueses, ou conhecer a origem grega ou latina de nomes próprios portugueses. Num dos vídeos partilhados na sua página, André Simões mostra um pequeno desenho feito à margem de um teste que corrigiu, por meio do qual elucida um estudante acerca da diferença entre as preposições «sobre» e «sob».

Mas a página de *TikTok* tornou-se também um divertimento para André Simões. Ao serem descontraídos e espontâneos, os vídeos que faz acabam por veicular também informações pessoais: «Exponho-me pessoalmente. Faço parte da comunidade LGBT e faço questão de assumir a minha homossexualidade. Sou autista, e também faço questão de falar sobre isso. Nunca desligo as duas coisas.» Nem poderia, porque a pessoa é a mesma. André Simões, classicista, filólogo, professor e investigador, é também todas as outras coisas, e os seus vídeos refletem-no. Talvez seja justamente

essa a razão pela qual são tão populares junto da comunidade estudantil. «Estudantes que estão nas minhas aulas vêm ter comigo no final e agradecem-me, ou porque também são LGBT, ou porque são autistas ou têm outra neurodivergência. Tenho tentado que os meus conteúdos reflitam essas realidades que me com­põem.» Por outro lado, enquanto professor universitário, André Simões sente-se também uma pessoa privilegiada socialmente, apresentando-se como alguém que, sendo homossexual e autista, conseguiu chegar a algum lado.

Se, para uma pessoa autista, o nível de ansiedade social pode ser mais elevado e a interação com os outros mais desafiante, André Simões considera que os desafios dos vídeos que faz para o *TikTok* são de outra natureza: «Gravo várias vezes, faço cortes para as pausas no discurso, as hesitações, as paragens. Isso implica algum esforço, mas é diferente: não estou a interagir com ninguém, estou a falar para mim mesmo. Da mesma forma, quando estou a dar uma aula, também não estou a falar para ninguém, estou a falar para um auditório.» Ou seja, para André Simões, falar para o telemóvel e gravar um vídeo que poderá ser visto por milhares de pessoas não lhe suscita tanta ansiedade como a que lhe poderia causar ter de interagir ao vivo com um grupo reduzido de pessoas.

Desde que criou a página de *TikTok*, tem tido um aumento de alunos inscritos nas suas aulas de 50 % a 100 %. Este ano, por exemplo, dá todas as aulas em auditórios, porque as turmas não cabem nas salas habituais (com a consequência menos agradável de ter mais testes para corrigir – e há até alguns vídeos em que brinca com a situação). André Simões atribui-o à sua presença nas redes sociais. Estas, além de poderem ser um meio eficaz de divulgação do conhecimento, promovem a sua interação com os estudantes. Para André Simões, um professor deve ser capaz de comunicar com a comunidade estudantil, conhecer o meio em que esta se move, a linguagem que usa: «Como é que eu agora tenho salas cheias de pessoas que querem aprender como é que os gregos tomavam banho ou como é que os romanos se casavam?

«Adoro o sentimento de que há tanta coisa que não sei e tanta coisa que estou a aprender. Sei que sei mais agora do que quando entrei, mas, proporcionalmente, sei pouquíssimo.»

Lia Alves



© Lia Alves

É por causa das redes sociais. Acho também que se diaboliza demasiado o telemóvel. Nas minhas aulas de língua, incentivo os estudantes a usarem dicionários digitais, que podem consultar no telemóvel. Os telemóveis podem e devem ser usados como material didático. Neste momento, todo o conhecimento está na *internet*. A bibliografia que dou para as minhas aulas está quase toda digitalizada. Sem estas tecnologias, não é possível ter um ensino em condições.» Desde a pandemia, as aulas de André Simões são gravadas. Todos os materiais que produz (*PowerPoints*, textos, imagens) são disponibilizados numa pasta partilhada, incluindo os vídeos das aulas.

André Simões diz sentir-se mais estimulado e mais à vontade, enquanto professor, desde que começou a produzir conteúdos para o *TikTok*. Mas sente sobretudo mais motivação por parte dos estudantes, e admite que teria gostado, enquanto aluno, de ter aprendido com conteúdos semelhantes aos que produz. É também por isso que faz o que faz: «Enquanto professor, pensei sempre nestes termos: o que é que eu gostaria de ter tido enquanto aluno? Gostaria, por exemplo, que as aulas tivessem sido gravadas. Acho que é frequente os professores esquecerem-se do tempo em que foram alunos. Eu não me esqueci.»

Além das redes sociais, André Simões realiza também outras atividades de divulgação dos Estudos Clássicos. Tem colaborado com a Junta de Freguesia de Arroios, em Lisboa, mas trabalha sobretudo com a Biblioteca Municipal de Torres Vedras, onde tem promovido cursos sobre literatura greco-latina e cursos de iniciação ao latim. Também na zona de Torres Vedras, tem feito ações de divulgação junto de estudantes do ensino básico, sobretudo do 2.º e 3.º anos, com Tânia Clímaco, uma amiga ilustradora. «Temos feito umas atividades divertidíssimas a que chamamos *Monstros e Heróis na Grécia Antiga*. Pertencemos a uma associação cultural que se chama Estufa, sediada em Torres Vedras. Nesse âmbito,

vamos às escolas e eu conto-lhes histórias da *Odisseia*, falo-lhes do Polifemo, de Circe, das sereias. Depois, com a Tânia, os alunos fazem máscaras inspiradas no que ouviram.»

Lia Alves escolheu o curso de Estudos Clássicos e Portugueses por ser exatamente aquilo que queria. Diz-nos que, a meio do 10.º ano, já sabia para onde queria ir, porque sempre gostou de ler e escrever, e sempre adorou História e Latim. Quando ainda era aluna do ensino secundário, em Oeiras, recebeu um prémio das Olimpíadas de Cultura Clássica. Agora, na Faculdade de Letras, sente-se como peixe na água. Embora goste muito das cadeiras de língua, tem predileção pelas de literatura: «As línguas ajudam-nos a perceber a literatura. E prefiro a literatura latina à grega, porque acho que é mais rica, vai mais além.» Está também a frequentar uma cadeira de Estudos Camonianos que lhe enche as medidas: «Até fiz um *story* sobre isso quando a aula acabou. Saio de lá a sentir-me ignorante, mas da melhor forma possível. Adoro o sentimento de que há tanta coisa que não sei e tanta coisa que estou a aprender. Sei que sei mais agora do que quando entrei, mas, proporcionalmente, sei pouquíssimo.»

Para quem não sabe (e haverá quem não o saiba, hoje?), um *story* é uma publicação temporária numa rede social, que pode apresentar a forma de um vídeo, uma imagem, um texto ou uma canção. Como muitos jovens da sua idade, Lia Alves tem uma conta de *Instagram*, ou, mais precisamente, um *studygram* (palavra composta pelos termos *study* – estudo – e *gram* – de *Instagram*), isto é, uma conta dedicada à partilha de rotinas de estudo e métodos de organização do tempo. A página *es.tu.dar* – www.instagram.com/es.tu.dar/ – foi criada em 2020, durante o confinamento. Lia revela-nos que, nessa altura, estava a recuperar de um esgotamento nervoso que teve por causa da escola, por puxar demasiado por si mesma. Teve de reaprender a estudar, a organizar-se, e quis partilhar com uma comunidade mais alargada o que aprendeu: «Eu fazia resumos

«Acho que se diaboliza demasiado o telemóvel. Nas minhas aulas de língua, incentivo os estudantes a usarem dicionários digitais, que podem consultar no telemóvel. Os telemóveis podem e devem ser usados como material didático.»

André Simões

e os meus colegas pediam-mos. Pensei que, assim, podia partilhar os meus resumos de uma forma mais fácil.»

Quando era mais nova, revela-nos, não gostava de partilhar os seus materiais de estudo com os colegas; agora, criou uma comunidade de estudo *online* e fez disso a sua vida. Começou a ler mais sobre o tema com a intenção de aumentar a visibilidade dos conteúdos que produzia na sua página de *Instagram*; quando deu por si, estava a estudar *marketing* digital: «Fiz vários cursos *online*, li livros. Não foi propriamente planeado. Fi-lo também para perceber como é que podia aplicar essas estratégias para chegar a mais pessoas. E foram surgindo ideias, fui criando os meus próprios produtos. Hoje, tenho recursos gratuitos e pagos. Resumos, *PowerPoints* e apontamentos são gratuitos; as pessoas só têm de partilhar uma publicação minha, e eu envio-lhes o *link* com os materiais. Os recursos pagos são a preços acessíveis. Por exemplo, fiz um curso só sobre gramática, para tentar responder àquele problema das orações e funções sintáticas (o bicho de sete cabeças do secundário).» Hoje, a sua página tem mais de 15 000 seguidores.

Lia Alves é também autora de um *e-book* sobre métodos de estudo e de organização e, em setembro de 2023, criou a sua própria marca: *Academia Astra*, uma empresa de apoio ao estudo, *online*, para estudantes do 5.º ao 12.º ano, sobretudo da área de Humanidades. A ideia para o nome da marca, explica-nos Lia, nasceu-lhe «daquelas estrelinhas que os professores punham nos trabalhos, quando éramos pequenos, e de um presente que me foi oferecido pela minha professora de latim, no dia do exame de português, onde se lia a locução latina *per aspera ad astra* [literalmente, por caminhos ásperos até os astros]». O nome da marca, observa Lia, tem ainda a particularidade de juntar um nome de origem grega, *academia*, e um nome de origem latina, *astra*.

Agora, esse é o seu trabalho: «Sou trabalhadora independente, tenho uma marca, faço parcerias com empresas.» Em junho do

próximo ano, a *Academia Astra* passará a ser uma empresa. Além das explicações *online*, dadas por uma equipa que Lia escolheu e formou, a *Academia Astra* disponibiliza serviços de revisão de trabalhos e consultorias, ou seja, um serviço de acompanhamento individual que permite ao aluno criar um plano de estudo à medida das suas necessidades e objetivos. Há também a possibilidade de acompanhamento por *WhatsApp* para alunos que não podem pagar explicações tão regularmente quanto desejariam, mas que precisam de algum apoio.

Lia Alves considera-se uma pessoa introvertida. À semelhança de André Simões, observa que, quando publica um *story*, não está a interagir com pessoas, mas a falar para o telemóvel: «Se eu tivesse noção de quem estava do outro lado, ficaria muito mais acanhada.» Embora não partilhe tudo o que faz diariamente, admite partilhar variados aspetos da sua rotina de estudo, como, por exemplo, fotografias de apontamentos, ou as estratégias que usa para gerir determinada bibliografia. Aos fins de semana, com exceção das semanas em que tem exames, aproveita para descansar, passear e estar com a família. Por causa do esgotamento que teve, defende o equilíbrio entre o estudo e o descanso. «Não tenho 20 a tudo, a minha média ronda os 17 valores, e isso já não é um problema. Concentro-me mais em aprender do que no resultado em si. Já não ponho tanta pressão sobre mim.»

Lia tem muitos planos. «Vou-me casar, estou noiva. E gostava de fazer o mestrado em Cultura e Comunicação, na Faculdade de Letras. Quero misturar as duas coisas: o trabalho que estou a desenvolver nas redes sociais e o meu gosto e formação em Estudos Clássicos. Gostava de desenvolver este projeto, continuando a trabalhar em casa, até porque um dos meus maiores sonhos é ser mãe.» No entanto, Lia Alves não põe de parte a hipótese de fazer, mais tarde, um doutoramento ou uma segunda licenciatura. O que mais deseja, para a vida toda, é poder continuar a aprender. ♦

Leonor Amaral



A jogadora de rúgubi do Sporting Clube de Portugal e da Seleção Nacional iniciou-se neste desporto no Clube de Rugby do Técnico. A Universidade de Lisboa foi casa da parte desportiva da sua vida, da sua formação, e ainda hoje está presente nos treinos semanais no Estádio Universitário. Foi campeã nacional pelo Técnico e pelo Sporting, fazendo parte do grupo de atletas que venceu todos os 15 títulos do Sporting desde 2016. Ao todo, conquistou dois campeonatos nacionais da 1.ª Divisão / Divisão de Honra XIII, quatro campeonatos nacionais de Sevens, seis taças de Portugal, três supertaças de Portugal, um campeonato nacional de Tens, um campeonato nacional da Divisão de Honra XV e duas taças ibéricas. Conversámos antes de um dos treinos pelo Sporting no Estádio Universitário, a poucos dias da final do Campeonato Nacional.

U LISBOA Como é que o desporto entrou na sua vida?
LEONOR AMARAL Faço desporto desde que me lembro. A minha mãe pôs-me na ginástica desportiva. Aos 14 anos fui ver um jogo de uma amiga e senti que me faltava o aspeto competitivo, foi o que me cativou; calhou ser um jogo de rúgubi. Experimentei um treino e comecei a jogar, em simultâneo com a prática da ginástica até aos 16. Depois mantive só o rúgubi, até agora.

ULISBOA Nessa altura alguém lhe disse que o rúgubi era um desporto para rapazes?

LA Os comentários acerca de ser um desporto só para rapazes existiram, claro, só que nunca me afetaram. As únicas pessoas que se poderiam opor seriam os meus pais, e nunca o fizeram. Tinham apenas receio por ser um desporto de contacto, que poderia causar-me mais lesões.

ULISBOA Sentiu ou ainda sente que existe algum preconceito?

LA São notórias as diferenças nos apoios ao rúgubi feminino e ao masculino, mas nunca nada me afetou a ponto de me fazer pensar se queria continuar a jogar ou não.

ULISBOA Desde 2000 que existe campeonato de rúgubi feminino. Pode dar-nos um quadro do rúgubi feminino a nível nacional?

LA Jogo desde 2004. Há duas vertentes de rúgubi: rúgubi de 7 [Sevens] e rúgubi de xv. O rúgubi de 7 é jogado no mesmo campo do rúgubi de xv, mas por sete jogadores em cada equipa; o rúgubi de xv tem 15 jogadores em cada equipa. São jogos completamente diferentes. O rúgubi de 7 é muito mais rápido, mais curto, com sete minutos em cada parte, e o outro é um jogo mais longo e com mais paragens. A nível nacional, tivemos uma grande evolução. Começámos com rúgubi de 7, só em torneios. Ao longo do tempo criou-se um campeonato mais sólido, passando para o rúgubi de 12, de 13, e agora o rúgubi de xv.

ULISBOA É essa a modalidade olímpica?

LA Não, é o rúgubi de 7. É mais atrativo e é mais fácil perceber o que está a acontecer. Torna possível fazer um torneio durante um fim-de-semana e apurar-se um campeão. O rúgubi de xv é mais difícil de entender para quem não conhece o jogo. É como o futebol, com a particularidade de o rúgubi ter mais regras. Em relação à evolução do rúgubi feminino em Portugal, há cerca de dois anos algumas jogadoras começaram a ir jogar para fora; já existe o interesse por parte de equipas em contratar jogadoras. Nem sempre são remuneradas, por vezes há um apoio, mas abriu-se esta janela. Por um lado, é ótimo, mas, por outro lado, o campeonato regrediu.

ULISBOA Em que aspetos?

LA Há poucas equipas portuguesas de rúgubi feminino e, à medida que as jogadoras saem, ficamos com menos atletas.

ULISBOA Não há uma aposta na formação?

LA Alguma, mas nem sempre é sólida. E quando atletas boas saem, faz uma grande perda na equipa. Foi neste aspeto que regrediu, mas acho que faz parte de uma evolução natural, que a longo prazo trará benefícios. Acabamos por ter jogadoras a jogar a níveis mais altos que contribuem para aumentar o nível da Seleção.

ULISBOA O que nos pode dizer acerca do rúgubi feminino a nível internacional?

LA De forma geral, existe mais apoio e interesse no rúgubi feminino. Olhando apenas para Espanha, existe mais apoio por parte dos congéneres da Federação Portuguesa de Rugby e do Instituto Português do Desporto e da Juventude. O Instituto apoia a Federação, e esta apoia os clubes. Já fomos mais apoiadas pela Federação, e os próprios clubes também já investiram mais no rúgubi feminino do que agora, talvez fruto do decréscimo da qualidade do campeonato.



© Luís Cabalo

ULISBOA Licenciou-se em gestão do desporto, um curso dado conjuntamente pela FMH e pelo ISEG. A escolha do curso foi influenciada pela prática do rãguebi?

LA Foi. [Risos] Comecei pelo curso de engenharia civil no Instituto Superior Técnico, porque adorava matemática e achava que a minha profissão giraria à roda disso. Porém, aos 18 anos ainda não temos capacidade para escolher o que queremos fazer. Estive em engenharia civil durante um ano e percebi que não seria o meu futuro. Escolhi gestão do desporto porque combinava a matemática e o raciocínio lógico com o desporto. Achei que seria a combinação perfeita. Terminado o curso, fiz um estágio profissional no Clube de Rugby do Técnico, onde jogava. Aí percebi que o rãguebi é uma parte da minha vida que tem de estar separada da parte profissional, caso contrário não me divirto quando estou a jogar, parece que tudo é trabalho. Depois do estágio, tirei o mestrado em gestão no ISCTE e mudei de rumo profissional. Comecei por trabalhar num banco, depois numa empresa financeira, passei para a Sonae e agora estou na Coresa, como comercial. Sinto que encontrei o meu rumo. O rãguebi faz parte da minha vida desportiva enquanto lazer, e do outro lado tenho a minha vida profissional, em nada relacionada com o desporto. Tudo se encaixa, porque a pessoa que sou hoje, e a profissional que sou, tem muito que ver com o que aprendi no desporto.

ULISBOA Como concilia os treinos e o trabalho?

LA O trabalho tem um horário diurno regular. Os treinos, sendo ao final da tarde, não interferem. Às segundas, quartas e sextas-feiras tenho treino de clube; em algumas alturas, tenho treino da Seleção à terça-feira. Tenho a sorte de trabalhar numa empresa que me apoia e que facilita no caso de uma saída internacional ou de um treino em horário de trabalho. Porém, por lei, enquanto representante da Seleção, temos direito ao dia de trabalho, embora

«O mais habitual é que uma rapariga chegue a um treino de rãguebi sem fazer ideia do que é o rãguebi. Mas todas as raparigas são bem-vindas, porque temos tão poucas atletas, que tentamos que alguém com vontade de jogar aprenda e consiga evoluir.»

não remunerado. De acordo com a lei, a Federação pode remunerar esse dia, mas a Federação não coloca essa remuneração como prioridade no orçamento.

ULISBOA A Seleção masculina de rãguebi foi a primeira seleção amadora a conseguir qualificar-se para um Campeonato do Mundo, em 2007. E em 2023 venceram pela primeira vez um jogo nessa competição. A evolução da modalidade no feminino depende do sucesso internacional das seleções ou há outras medidas a tomar para que isso aconteça?

LA O que nos dizem é que para exigirmos alguma coisa temos de apresentar resultados. Ao nosso nível, é difícil apresentar resultados sem ter a preparação que a maior parte das seleções tem. Se é possível? É. O rãguebi masculino foi uma inspiração nesse aspeto, embora a Federação tenha investido muito para que isso acontecesse. Mas não basta, porque esse investimento é grande para o nosso país, mas não quando comparado com o de outros países. Olhando especificamente para Portugal e para a Seleção, é preciso termos um bom ano de jogadoras com experiência. Há outro aspeto importante a referir: em Portugal, até aos 14 anos, as jogadoras jogam em escalões mistos com os rapazes, o que lhes permite adquirir um maior conhecimento de jogo desde cedo. Até dada altura, as raparigas destacam-se, mas quando os rapazes dão o salto no desenvolvimento, ficamos sem capacidade para os enfrentar. O facto de as raparigas jogarem com rapazes e depois saltarem para as equipas seniores, a partir dos 16 anos, traz muita qualidade às equipas, que evoluem automaticamente porque recebem pessoas que já conhecem o jogo. O mais habitual é que uma rapariga chegue a um treino de rãguebi sem fazer ideia do que é o rãguebi. Mas todas as raparigas são bem-vindas, porque temos tão poucas atletas, que tentamos que alguém com vontade de jogar aprenda e consiga evoluir.

ULISBOA Existe rãguebi nas escolas?

LA Hoje em dia já existe o rãguebi tag, em que não há placagens como no rãguebi tradicional. As jogadoras têm um cinto à volta da cintura, com duas fitas presas com velcro, e sempre que a adversária consegue tirar uma das fitas, considera-se que conseguiu uma placagem. A jogadora que tinha a bola não pode progredir mais, tem de parar e passar a bola.

ULISBOA Em campo, é média de formação. Qual a função de uma jogadora nesta posição?

LA No rãguebi de 15 jogadoras, oito são avançadas e as restantes são as chamadas três-quartos. As avançadas são jogadoras com mais força, são elas que fazem a *mêlée*, a formação ordenada característica do rãguebi. As três-quartos são, por norma, jogadoras mais rápidas e ágeis. A média de formação faz a ligação entre as três-quartos e as avançadas, pertencendo às três-quartos. Tem o papel de comandar e perceber o que o jogo pede a cada momento em termos de estratégia, se deve jogar para as avançadas ou abrir para as três-quartos. Como média de formação, tento ser eu a organizar o jogo. Ainda assim, a tática geral está previamente definida.

ULISBOA Como aconteceu a transição do Clube de Rugby do Técnico para o Sporting?

LA O Clube de Rugby do Técnico estava com alguns problemas e não estava a apoiar a equipa feminina tanto como desejávamos. Já não me estava a divertir. Nessa altura, o Sporting pretendia criar uma equipa e surgiu a oportunidade. O Sporting lutou bastante pelo rãguebi feminino. Também formaram uma equipa de rãguebi masculino, que, entretanto, acabou. Passaram a focar-se apenas na equipa feminina. Uma aposta muito grande que deu resultados.

ULISBOA Já venceu vários títulos. Há algum que destaque?

LA O primeiro título como campeã no Sporting foi muito marcante. Quando a equipa foi criada, não estávamos sequer na divisão principal. Tivemos de ir conquistando o nosso espaço até ao título de campeãs. O grupo inteiro acreditou desde o início que seria possível e chegámos lá. O grupo é ambicioso. O primeiro título pelo Clube de Rugby do Técnico também me marcou. Era capitã, na altura. E há um jogo que não esqueço: estávamos a perder 19-0 ao intervalo (três ensaios e duas conversões), mas acreditámos que ainda poderíamos vencer e conseguimos dar a volta.

ULISBOA Qual o título que gostaria de vencer e ainda não venceu?

LA Pelo clube já venci tudo, incluindo dois títulos da Taça Ibérica. Pela seleção de rãguebi de 7 o máximo que conseguimos foi um 4.º lugar. Na seleção de xv começámos pelo Trophy, uma espécie de 2.ª divisão europeia. Os campeonatos europeus de rãguebi têm algumas particularidades. Existe o Torneio das Seis Nações, um torneio um pouco elitista, onde competem seis seleções da Europa: Inglaterra, França, Irlanda, País de Gales, Escócia e

Itália. São sempre as mesmas. Não há qualificações, nem hipóteses de outras seleções competirem. Depois há o Championship, o campeonato da Europa da 1.ª divisão, e a seguir o Trophy, a 2.ª divisão europeia. O ano passado jogámos o Trophy, vencemos todos os jogos e subimos ao Championship. Por isso este ano vai ser um novo desafio para a seleção.

ULISBOA Se pudesse, seria jogadora de rãguebi profissional?

LA Neste momento, já não. Há uns anos ainda pensava nisso, mas, agora, não é uma prioridade. Se hoje surgisse uma oportunidade, não aceitava, nem em Portugal, nem lá fora. Estou bem profissionalmente e gosto de separar as coisas. Nunca assumi o rãguebi como uma obrigação, porque nunca fui remunerada. Se não conseguir ir a um treino por causa do trabalho, não há problema porque é a minha parte de lazer. No entanto, faço tudo para não faltar. Assumo um compromisso com a equipa.

ULISBOA Uma jogadora de rãguebi joga em média até que idade?

LA No clube temos uma jogadora com mais de 50 anos; joga com a filha, que também está na equipa. Mas não é comum. O normal é uma jogadora terminar por volta dos 35 anos. Também pode depender do tipo de profissão que se tem, de como se concilia com o desporto, ou mesmo das lesões que se vai sofrendo. Tenho 33 anos, estou mais perto da altura em que deixarei de jogar. É sempre triste dizer isto.

ULISBOA Já teve muitas lesões?

LA Infelizmente, muitas. Fui operada ao ombro direito uma vez, ao joelho direito uma vez, ao joelho esquerdo duas. Já parti o pé, já parti a mão. E já tive algumas entorses e ruturas musculares. No joelho direito houve desgaste da cartilagem e no joelho esquerdo foi uma torção, mas lesionei-me sozinha, em ambas as situações. Estava a mudar de direção, o pé prendeu e o joelho torceu. A do ombro foi numa tentativa de placagem, caí no chão sobre o ombro. O pé e a mão parti em jogos, mas não me recordo de nenhuma situação traumática que esteja relacionada com alguma placagem. O rãguebi não é um desporto violento, é um desporto de contacto. Quando vamos praticá-lo, o nosso corpo tem de estar disposto para o embate físico que a modalidade requer. As regras do jogo defendem bastante a integridade física das atletas.

ULISBOA Existe uma cultura desportiva diferente no rãguebi?

LA É costume dizer-se que o jogo de rãguebi tem três partes: as duas partes jogadas e uma terceira parte de convívio. No final do jogo, é frequente as equipas juntarem-se no balneário para conviver. No final do jogo que tivemos este fim-de-semana, por exemplo, montámos uma mesa de convívio com a comida que as atletas das duas equipas tinham levado. Isto também faz parte do jogo. Também é comum cada uma das equipas fazer um corredor para aplaudir a equipa adversária. É um sinal de respeito entre todas as atletas. ♦



JOSÉ LIMA SANTOS LÊ PRIMAVERA SILENCIOSA

Dedicado ao impacto dos pesticidas no ecossistema e na saúde humana, o livro *Primavera Silenciosa*, da autoria de Rachel Carson, mudou o modo como vemos as nossas relações com a natureza e o papel da ciência nessas relações. O livro foi publicado em 1962, num contexto de crescimento económico e Guerra Fria, em que ciência e tecnologia eram vistas como as principais aliadas dos Estados Unidos da América nos planos de batalha económico e militar. Em particular, a indústria química e o DDT eram parte de um projeto de submissão da natureza ao homem, prometendo destruir hordas de pragas que ameaçavam a alimentação e a saúde humanas. As primeiras fragilidades e revezes deste projeto, tais como a destruição dos inimigos naturais das pragas, o aparecimento de pragas resistentes, novas pragas e doenças humanas associadas à poluição química, já estavam a emergir, mas não eram ainda do domínio público.

Mestre na divulgação de ciência junto do grande público, Rachel Carson construiu, em *Primavera Silenciosa*, uma história envolvente e

convicente em que o conhecimento científico permite mudar perspetivas e informar o debate público. Para Carson, a ciência deve ajudar-nos a trabalhar com a natureza, não contra ela. Só assim defenderemos o nosso interesse, já que o projeto de submissão da natureza vai acabar por transformá-la num inimigo inderrotável. É necessário compreender que «estamos a lidar com a vida – com populações vivas e todas as suas pressões e contrapressões, os seus surtos e recuos. Só levando em consideração tais forças vitais e procurando cautelosamente guiá-las em direções que nos sejam favoráveis podemos esperar alcançar uma conciliação razoável entre as hordas de insectos e nós próprios» (*Primavera Silenciosa*, p. 250). Enfim, precisamos de uma ciência humilde perante as vastas forças que pretende manipular. A incrível atualidade deste apelo face aos desafios da sustentabilidade com que nos confrontamos hoje, 60 anos após a publicação deste livro, convida a lê-lo (ou relê-lo), agora na excelente versão em língua portuguesa publicada pela Imprensa da Universidade de Lisboa. ♦



PRIMAVERA SILENCIOSA

Rachel Carson

Tradução:

Ana Maria Pereirinha

ISBN: 978-989-8928-39-9

Fevereiro de 2023

PVP: 20,90 €

313 páginas



IMPRESA
DA UNIVERSIDADE
DE LISBOA

Atlas

do Comércio Transatlântico de Escravos



David Eltis e David Richardson

Prefácio de David Brion Davis
Posfácio de David W. Blight

